ANNO XIII — NUM. 634 — Rio de Janeiro, 7 de Fevereiro de 1931 — PREÇO: 1$000

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

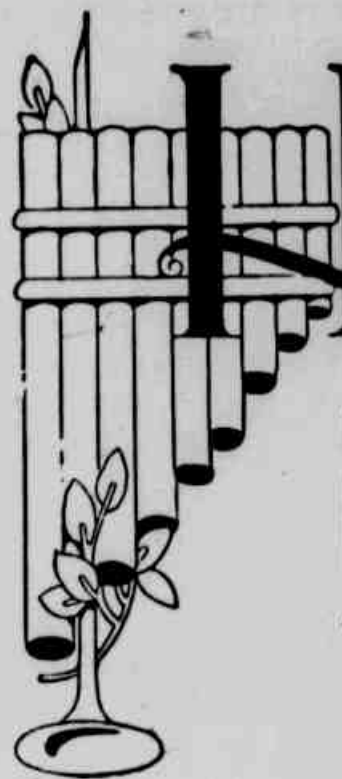
SEMPER VINCIT AMOR (Piracicaba) — Sómente agora posso responder á sua delicada cartinha. Grato pela gentileza das suas referencias. Quanto ao que me diz é preciso ter confiança, ter fé na linda divisa que escolheu por pseudonymo. Não desanime. Quem sabe se ao ler estas linhas não terá uma alviçareira novidade para me contar? Escreva-me que terei muito prazer recebendo noticias suas.

SULLY (Bello Horizonte) — Reserva, bondade, coração magnanimo, altruista e com grande sentimento de justiça. Alegria natural, poder de iniciativa, esperança, ambição. Senso esthetico, amor ao estudo.

SANTARÉM (Rio) — A falta de espaço e o grande numero de consulentes não permitte, como já tenho dito, fazer o estudo graphologico "bem detalhado", como mandou pedir. Em traços geraes vê-se graphia de guarda-livros, homem de negocios, activo trabalhador, sabendo o valor do tempo e não o desperdiçando. Espirito pratico, decidido, embora um tanto palrador, talvez para vender melhor seu peixe...

ORLOF (?) — Pessoa economica, methodica, pontual, com tendencias á avareza na velhice. Intelligencia mediocre, amiga da meticulosidade, do detalhe, das minucias. Caracter pouco firme, indecisão nas resoluções, embora o traço com que firma sua assignatura denota certa força de vontade e accentuação de individualidade.

C. DOYLE (Guaxupé) — Espirito aventureiro, grande mobilidade, agitação constante, actividade dispersiva, grandes aspirações e pequenas realizações pela sua inconstancia e versatilidade. Alguma logica e deducção, alma franca. Inquietação, curiosidade latente.

TRISTÃO DE ISOLDA

HISTORIA DA MUSICA

PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

Liszt, o pianista compositor

FRANZ Liszt gosa da reputação de ter sido um dos melhores pianistas do mundo. Era tambem excellente professor de musica, compositor e regente de orchestra. As suas composições para piano têm um estylo de musica para orchestra. Foi o mestre de musica descriptiva.

LISZT nasceu em 1811, na pequena cidade hungara de Raiding. Na noite do seu nascimento viu-se um cometa no céo. Para os camponezes assustados parecia que o cometa estava sobre a casa do pae de Liszt.

PIM

A generosidade de Liszt era principesca. Tocava muitas vezes em concertos de caridade sem receber nada em troca. Uma occasião, em Paris, um pequeno varredor da rua pediu-lhe um "sou". Como não tinha a moeda, Liszt ficou segurando a vassoura emquanto o menino ia trocar a moeda que o musico lhe dera. Muitas pessoas que passaram no local o reconheceram.

DURANTE a sua mocidade foi muito admirado por diversas mulheres. As suas admiradoras esperavam-no á sahida de seu concertos para lhe trazerem flores. Depois de certa edade Liszt deixou a vida social e abraçou a vida ecclesiastica.

Continúa no proximo numero

Offereça ao seu filhinho uma optima bicycletta, um automovel, um remo-remo, uma patinette, um livro de contos ou uma assignatura desta revista, tomando parte no Grande Concurso de São João que "O Tico-Tico" iniciará no dia 11 de Fevereiro, quarta-feira. Cerca de cincoenta magnificos premios serão distribuidos nesse grande certamen.

PEÇA AO PAPAE — *ALMANACH D'O TICO-TICO* PARA 1931

PARA TODOS...

SÃO SEBASTIÃO NOS PROTEJA!

A MAGREZA absoluta, que aplainava tudo, desappareceu. Voltaram as linhas curvas ás mulheres. Sobre ellas os vestidos novos cahem com prazer e fazem-lhes o mesmo que Pedro Alvares Cabral fez ao Brasil. E não é por acaso. E' de proposito mesmo.

Que lindos os figurinos do verão! Cascas de frutas maravilhosas, bandeiras soltas ao vento, paredes de arranha-céos cheios de janellas... A gente fica sentimental de olhos postos nessas imagens da vida boa, da vida bonita que está sempre mudando de roupa.

A policia deu nos trajos da praia. São Sebastião nos defenda da policia dar nos trajos da cidade. São Sebastião póde conseguir isso. E deve conseguir. Elle anda nú ha tantos annos e até hoje nenhum delegado protestou. O nosso padroeiro não escandalisa ninguem. Ao contrario. Cada vez é mais querido. Imaginem si botassem um roupão nelle! Perdia todo o prestigio.

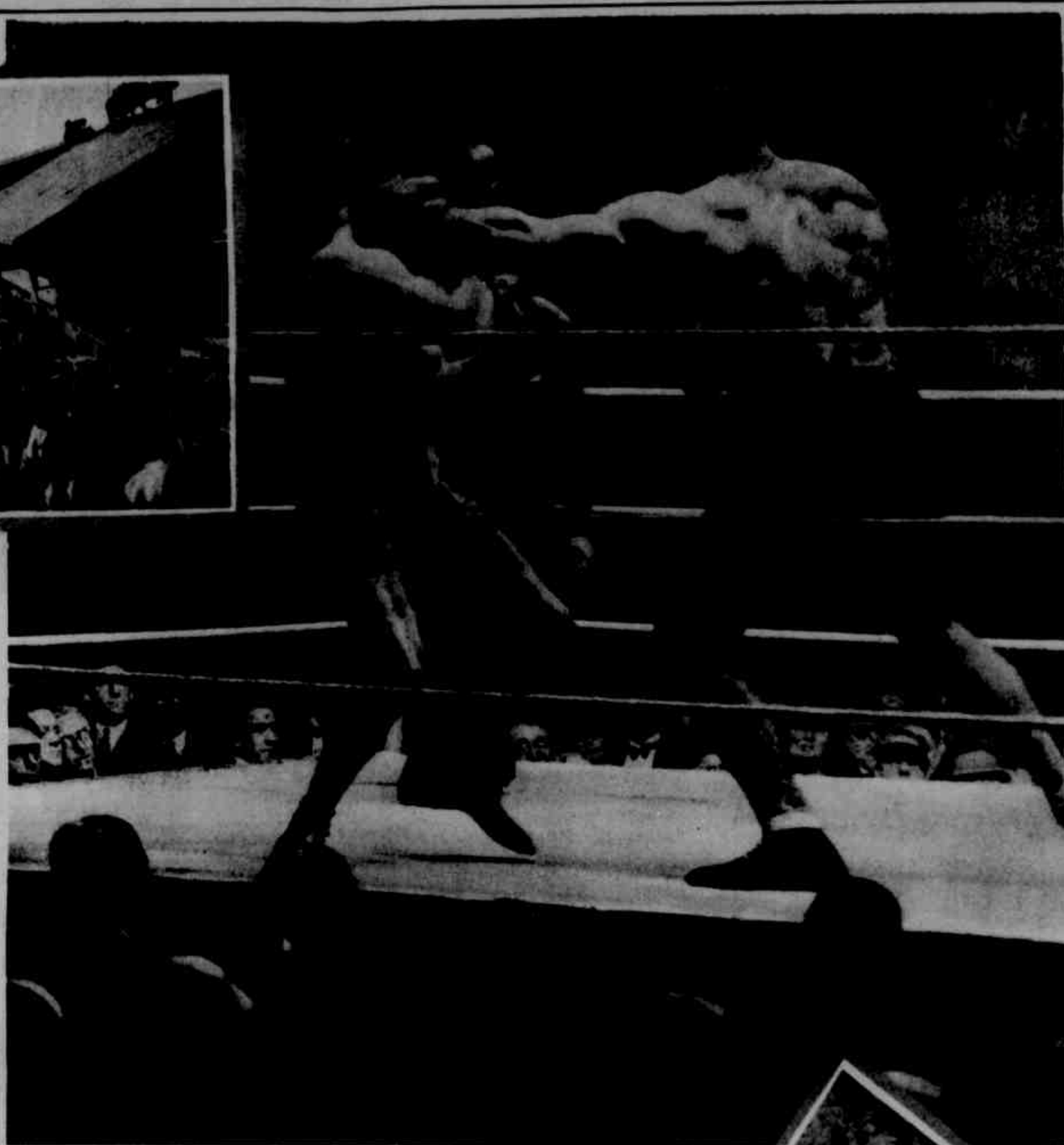
Não é escondendo os corpos que se tornam os corpos inoffensivos. E' mostrando-os. O que se vê não tem a minima importancia. O que se suppõe é que é o diabo...

alvaro moreyra

A cidade de Mishimamachi, no Japão, depois do ultimo tremor de terra que tantas victimas e tantos estragos fez

(Photo Wide World)

A estatua de Mme Curie esculpida na pedra á entrada do Instituto de Chimica em Canton, Estado de New York

(Photo Keys)

O gigante Carnera combatendo em Londres com o campeão inglez Reggie Meen, que foi vencido. *(Photo Universal)*

Em baixo: uma viuva do terremoto japonez com o seu filhinho nos destroços da casa de bambú que era antes um pequeno lar feliz.

Um cinema de Berlim, onde foi exhibido o film tirado do livro de Remarque «Nada de novo a oeste» teve que ser defendido pela policia

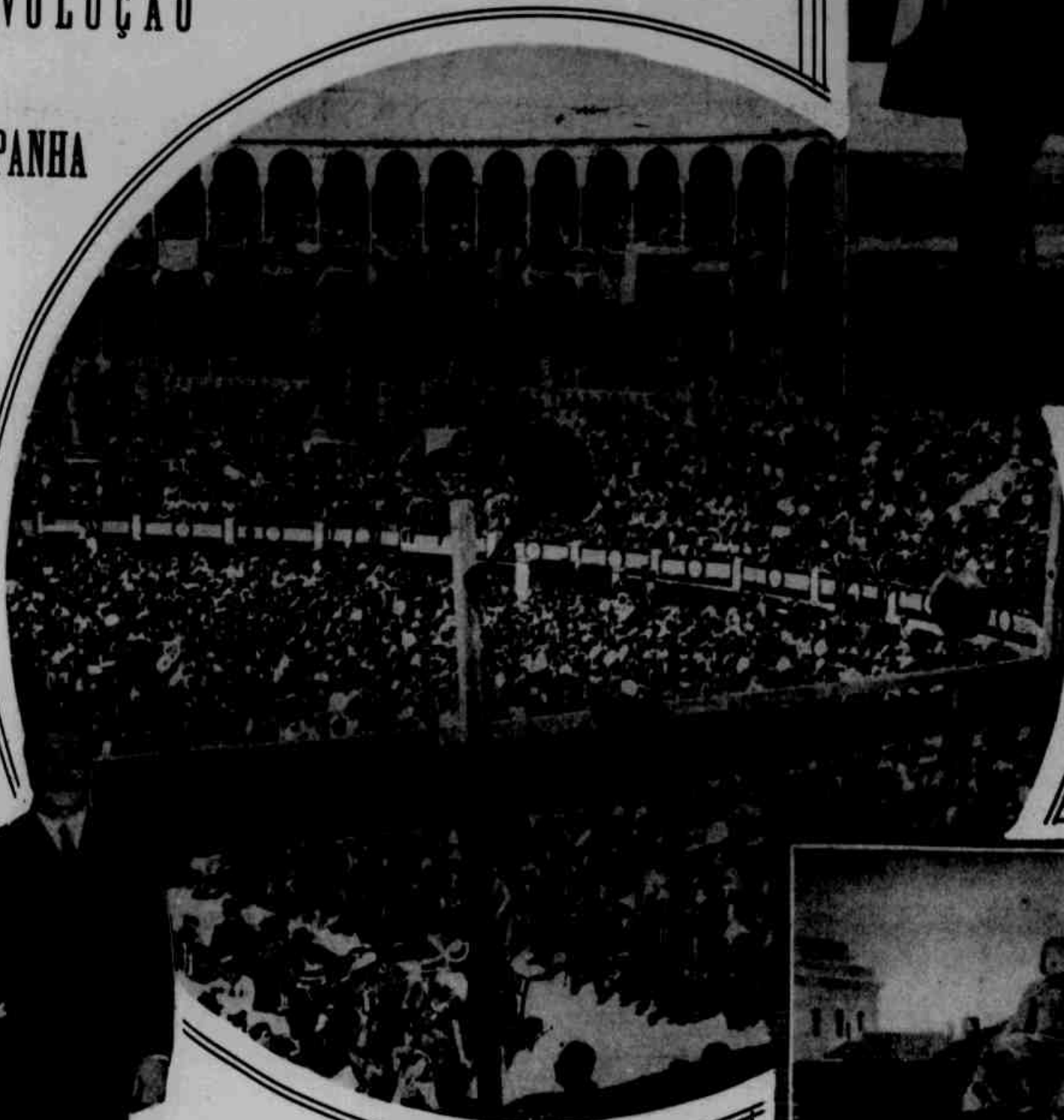
Na praia do Estoril em Portugal

Da terra dos outros

Prisioneiros revolucionarios em Jaca

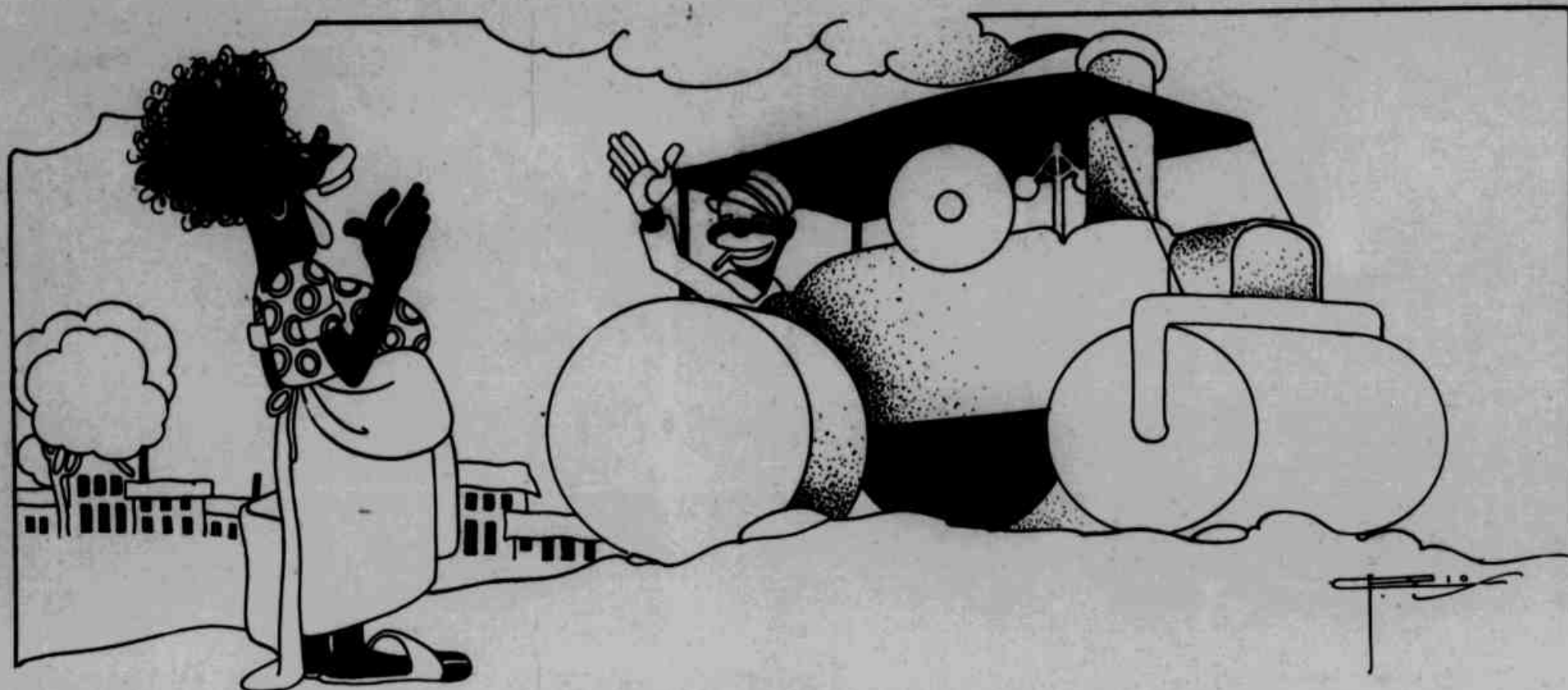
REVOLUÇÃO NA HESPANHA

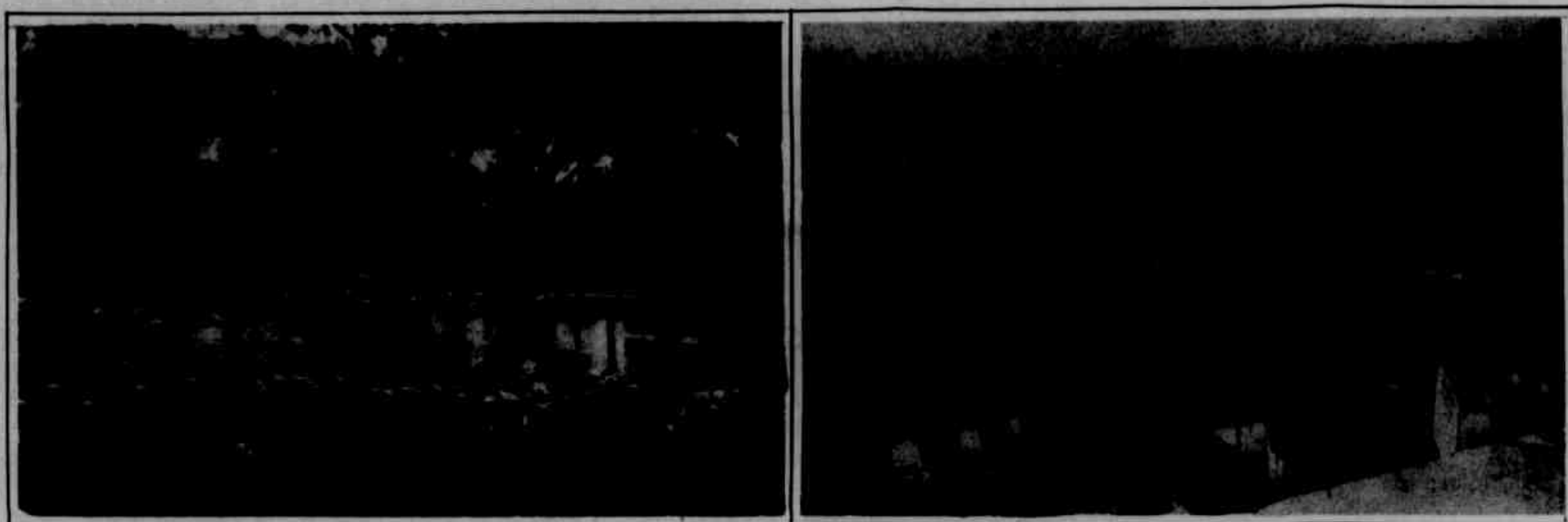
O rei Affonso conversando com o commandante da artilharia depois do levante do aerodromo de Quatro-Ventos.

(Photo Keystone).

Um grande *meeting* republicano na praça de touros de Madrid

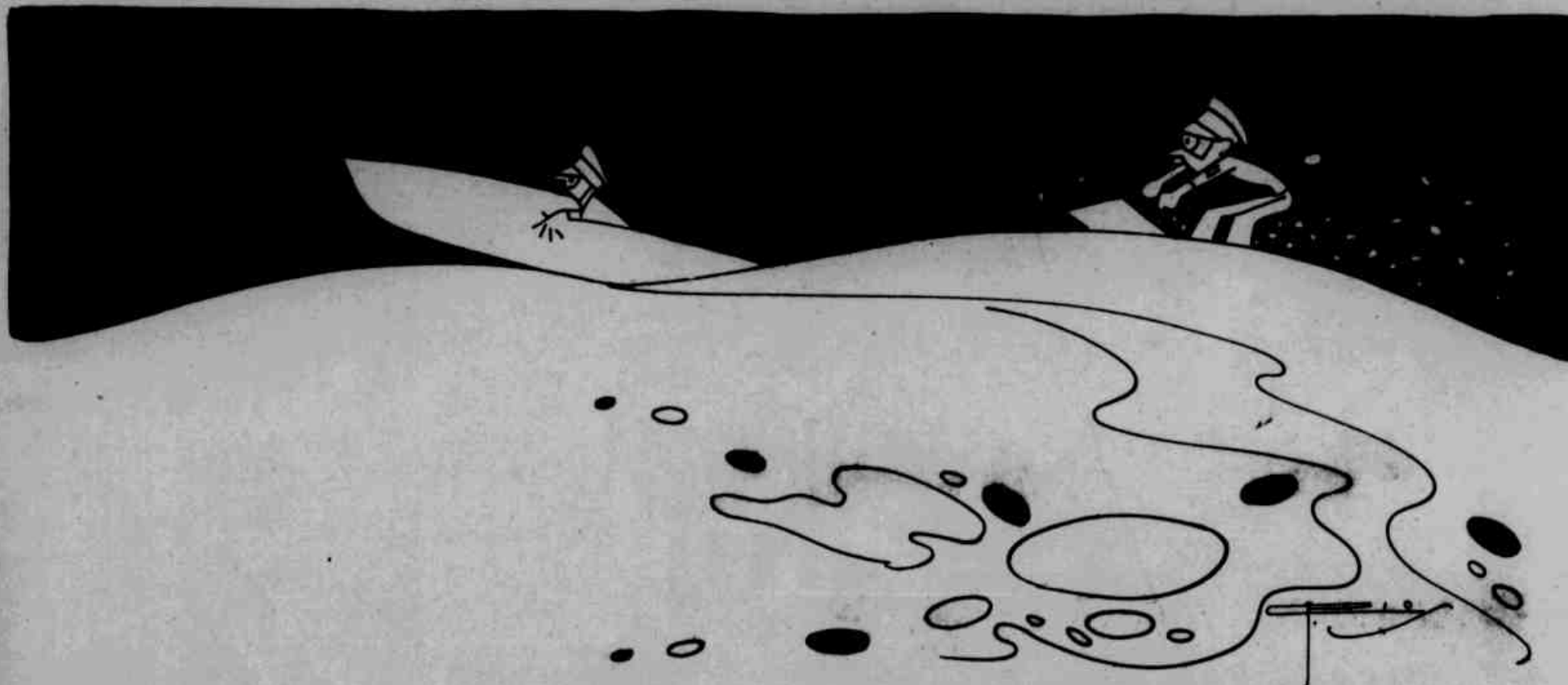
O General Berenguer

(Photos Wide World).

A estatua de Hippocrates, no tecto da Academia de Medicina de Madrid, empunhando a bandeira vermelha.

VISTA TURVA

— Ah! Que linda baratinha "seu" Aniceto comprou...

RECANTO DO JARDIM DA LUZ

SÃO PAULO

A CIDADE VISTA DO EDIFICIO MARTINELLI

A LEI

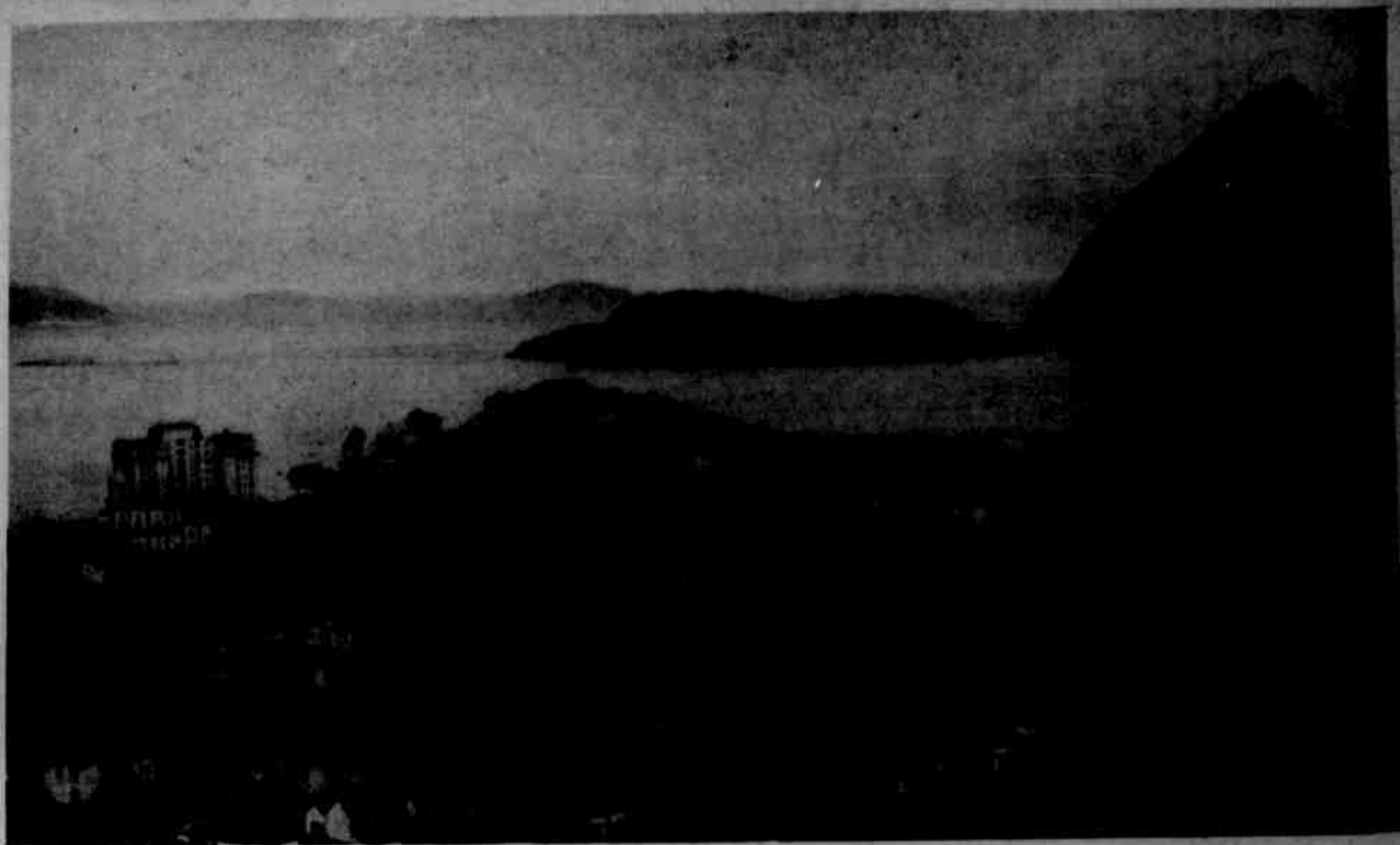
Atraz de um homem... que abriu o "chambre"...

O Carnaval está chegando

Domingo houve banho de mar a fantasia das creanças de Copacabana.

UMA NOITE BONITA

Instantaneos da festa que o casal Dulphe Pinheirc Machado offereceu no dia do anniver-sario de sua filhinha Marita

NO TUMULO DE GRAÇA ARANHA

O Rio de Janeiro da parte sul visto do morro de Santa Thereza

GRAÇA ARANHA. Nós estamos aqui, congregados em torno da tua imagem humana, que desapparece para sempre dos nossos olhos, para dizer-te adeus. Tu nos ensinaste a desprezar a melancolia. Tua voz, que foi a ultima das nobres vozes de uma geração viril, que herdou de Tobias Barreto a disciplina do livre exame e aprendeu com Joaquim Nabuco a julgar o mundo sem grita nem desespero, tua voz foi uma exaltação de perpetua alegria.

Não estamos aqui para chorar a morte de um grande homem. O genio concedeu-te o milagre da duração e da eterna presença. Pela força da tua energia creadora, ninguem está mais vivo, neste momento, ninguem estará mais vivo, pelo tempo adeante, neste Brasil novo que adivinhaste e annunciaste, quando tudo era ainda crepusculo e desesperança, neste Brasil que palpita nas raizes da tua obra e cuja aurora, mercê do teu vaticinio, raiou sem surpresa para nós.

Tua inquietação infatigavel, que espantou Bergson, tua imaginação prodigiosa, onde Boutroux descortinou cimos de estranhas luzes, teu heroismo intellectual que fascinou um ser geometrico, a exemplo de Barrès, e uma rajada lucida como Clemenceau, não esmoreceram até derradeiro instante, não recuaram deante do inimigo que te surpreendeu, bravo soldado da idéa pura, de armas na mão, face voltada para o desconhecido e para o mysterio.

A paixão do espirito foi o teu unico amor. Por isso, não envelheceste. Por isso, eras e és o mais joven de todos nós. Mas não amaste o espirito, como simples substancia metaphysica, como sybillina categoria de philosopho.

Amaste o espirito como um instrumento generoso de acção. Por esse amor, ninguem soffreu tanto como tu, meu amigo immortal. Mas não repelliste a zombaria com o escarneo. Não te vingaste das invectivas e das humilhações com a medrosa ironia dos sophistas. Venceste sempre pelo enthusiasmo, por um enthusiasmo virginal de creança, que se refazia da injustiça e da crueldade, inventando o mundo, a cada passo, como o teu "Malazarte", jogando com as apparencias universaes.

Ha uma palavra que condemnaste. Permitte, porém, que eu a empregue aqui. Temos saudade de ti, Graça Aranha. Mas nós te promettemos, nós que formámos a Fundação Graça Aranha, nós que estivemos comtigo até o terrivel momento, e guardamos ainda o teu riso bondoso de gigante e o teu olhar directo e penetrante de Mestre, nós te promettemos fazer da tua saudade uma perenne lição de confiança na vida, de fé no espirito de renovação do Brasil.

Graça Aranha, estamos sob o teu commando.

RONALD DE CARVALHO

SE quizessem ver Marcello Cintra, fazendeiro em Carrascaes, regalado de gosto, era pedirem-lhe a opinião sobre alguma cousa. Pedissem-na sobre qualquer assumpto, que era certo vir a resposta, prompta e atilada, dita naquelle seu modo pausado, seguro, de quem sabe o que diz. Dahi a sua fama de homem muito sabido e a alcunha de Sabetudo que algum infimo despeitado lhe poz.

Suas muitas luzes o tornavam considerado muitas leguas em redor. Um requerimento que houvesse para fazer, uma escriptura a lavrar, uma encommenda a mandar vir de longe, era fatal recorrerem ao Cintra, como á pessoa naturalmente indicada para remover-lhes as duvidas.

E Cintra intervinha da melhor vontade. Mas não era totalmente desinteressado: havia um pequeno tributo a pagar-lhe e a pagar-lhe adeantado, tributo não de dinheiro e sim de reverencia; pois se perguntavam alguma cousa, não respondia logo; primeiro fazia uma pausa e sorria com finura, sorriso que estava mesmo a dizer: "Vocês bem sabem que sem a opinião cá do Dégas não poderiam passar". E esse era o tributo exigido.

Pediam-lhe receitas para doentes, consultavam-no sobre os melhores tempos do plantio, sobre o influxo das luas na madeira; uma viagem a marcar, o feijão que quizessem bater, era ao Cintra que recorriam para saber se fazia chuva ou sol.

Chegou a ficar afamado, a este ultimo respeito, um hygrometro que elle trazia na sala de jantar, pendurado como chromo de folhinha; representava uma casa de duas portas, com um terreirinho á frente. Fosse o tempo duvidoso, numa porta mostrava-se um homemzinho e noutra uma mulherzinha; propendendo a chuva, o homemzinho sahia do terreiro e a mulherzinha entrava; fosse de sol, era o contrario. O que provocava um nunca assaz repetido gracejo de siá Clotilde, mulher do fazendeiro:

— Como as mulheres são ladinas! Na hora da chuva empurram o marido para fora e ficam dentro de casa, bem agasalhadas.

Mui dispensavel, todavia, era o hygrometro, pois por si mesmo, com os ricos recursos de sua cachola arguta o Cintra tinha elementos para poder prever o tempo. Dissessem-no os casos mais difficeis que explicava.

Assim, quando se commentava a abundancia excepcional das aguas este anno:

— Pois de certo! Tanta fumaça elles fazem nessa guerra sem fim com seus canhões e carabinas, que ella se vae ajuntando e formando nuvens no alto, nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado esse despotismo de aguas.

Outros fracos tinha o Cintra. Por exemplo, quando o procuravam, gostava de que o achassem sentado defronte a um monte de papeis, nos quaes passava horas e horas a escrever cousas a lapis. Que era aquillo? Ninguem, nem a propria mulher, nunca o logrou saber ao certo. Pelos modos o Cintra queria dar a suspeitar que elle estava a escrever uma obra grandiosa, que iria revolucionar as sciencias e o mundo com revelações nunca presentidas "nem sonhadas".

Se acertava alguem procural-o quando se dava a essas escreveções, elle não attendia logo; emmassava primeiro toda a papelada com sisudez e sem pressa, guardava-a num armario de portas de pau, dava volta á chave, que tirava e só então parecia abrir os olhos á realidade e dar pela presença do supradito alguem. Mesmo depois de sua morte não se desvendou bem o mysterio desses papeis, pois no armario apenas se encontrava uma maçaroca de velhas contas dos negocios, com uns rabiscos sem sentido, entre os volumes poidos dum velhissimo *Monte Christo*.

Este era o romance de sua predilecção, o unico, aliás, que elle conhecia e que nunca se cansava de ler para si e contar para os outros.

A' força de o reler e recontar, acreditava reaes todos os seus personagens e successos e quem o ouvia falar com segurança das pessoas e das vidas dos heróes, entendia que Marcello Cintra os conhecera e tratara pessoalmente. Ainda mais: a insistencia com que falava em *Monte Christo*, os signaes de intelligencia que fazia á mulher, quando se referia a este ou áquelle episodio, engendrava em certos espiritos a suspeita de que *Monte Christo* e Conde era elle proprio, que lá por suas razões se disfarçava em fazendeiro. Confirmavam-no nas suspeitas certas identidades entre o homem e o heróe do livro, até o modo de falar. O Cintra tinha o sestro de dizer a proposito de tudo: "Ora vamos e venhamos", se lhe perguntassem se ia á cidade domingo, respondia: "Ora vamos e venhamos—pode ser que eu vá se o tempo continuar firme"; e ao relatar as aventuras do Conde e dialogos de tudo, a repetir a sua phrase favorita: "Ora vamos e venhamos, senhora marqueza, a vida do barão não corre nenhum

GODOFREDO RANGEL

risco" ou "Ora vamos e venhamos senhor Visconde e Coisa..."

Tantos e tão raros dotes o separavam do vulgo, que não era de extranhar não gostar o Cintra de ser como toda a gente. Tinha seus habitos lá delle, suas predilecções excentricas. Guiava-se em tudo por idéas pessoaes, até no trajar. Tinha a este respeito um habito singularissimo: em vez de *paletot* usava em casa uma especie de fraque de brim, que sua propria mulher fazia.

Deu isto origem a um caso que constituiu o supremo desgosto de sua vida. Merece ser narrado, pelo estado de acabrunhamento em que lançou o prestante fazendeiro. Fosse que Clotilde não talhasse a seu gosto os fraques de seu uso, ou por outra idéa que lhe surgisse no cerebro, elle, que fazia encommendas para toda a gente, lembrou-se de encommendar para si, na casa da capital com que estava relacionado, um ou dois fraques dos taes, mandando explicações muito miudas sobre a medida, panno e feitio.

No escrever, porém, houve um desastre. O Cintra, que sabia tanta cousa, ignorava certas minudencias de grammatica e orthographia, e por isso, esquecendo uma letra da conjuncção "ou", em vez de 1 ou 2, escreveu no pe-
"ou", em vez de 1 ou 2, escreveu no

Assim tambem o leram na casa de que era freguez conceituado, dando causa a que pouco tempo depois recebesse um grande fardo com cento e dois fraques, rigorosamente feitos á maneira indicada.

Atinando com o descuido o Cintra nem reclamou; e esmoeu solitariamente seu aborrecimento, sem confessar o engano a quem quer que fosse. Como a mulher se arrepellasse ao ver o fardo, elle explicou placidamente que, sendo aquella uma peça de roupa tão commoda, resolvera fazer um grande sortimento para seu uso, pelo menos de um cento, e como alguns pudessem não prestar, elle já pediu com excesso — cento e dois, os dois para as quebras.

Em casa a montoeira de roupa virou badulaque, pondo siá Clotilde em grandes afflicções, sem modos de accommodal-a em qualquer parte. Na canastra delle não cabia; no armario mysterioso, apenas houve espaço para accommodar uns setenta; e como com o restante não quizesse a mulher entupir os seus bahús, foram precisas todas as luzes do Cintra para resolver o problema; por fim fez uma trouxa dos sobejos e a guardou sobre uma esteira do forro.

Ora a elle, de natural economico, pesavam-lhe aquelles fraques na consciencia como cento e duas arrobas. Por mais esperdiçado que fosse (e não o era), em todo o resto da vida não gastaria mais de uns dois ou tres. Havia assim uns noventa e nove disponiveis! Um dia elle teve uma idéa e foi communical-a á mulher:

— Olha, Clotilde, estes... *paletots* (elle já tinha horror á palavra fraque, que nunca mais proferiu) estes *paletots* são folgados e talvez te sirvam assim, tambem você podia usar...

— Eu? Que horror!

— ...usar assim em casa, por cima da roupa melhor, como uma especie de avental...

— Um avental nas costas! Tinha graça! O marido impacientou-se com as difficuldades levantadas:

— Olhe, Clotilde, se está com vontade de turrar, eu não insisto. Sempre pensei que você tivesse mais bom senso.

Siá Clotilde poz as mãos á cinta:

— Bom senso! Então que culpa tenho eu de você encommendar essa montoeira de roupa?

— Não discutamos, mulher!

E o Cintra, embatucado, bateu em retirada, indo sentar-se gravemente defronte do maço de papeis que foi tirar do armario.

Quer fosse por condescendencia, quer por se haver rendido ás razões dadas para se usarem os taes aventaes posteriores, o certo é que siá Clotilde começou a fazer o que o marido desejava e por fim habituou-se, não andando em casa de outro modo, a exemplo do marido.

Depois teve ella propria um alvitre que verteu balsamo no coração do Cintra: deu um dos fraques para a Sabina, a cozinheira, que tambem seguiu o uso da casa.

Depois os filhos mais crescidos, ampliaram o consumo.

Mas resumamos. Se tivessemos o intento de relatar o destino que tiveram os fraques, um por um, não acabariamos nunca. Em vida, por mais que esbanjasse, o Cintra de poucos poude ver-se livre; morto, a maioria dos cento e dois figuraram no espolio, sendo rateados equitativamente, com os demais bens, pelos herdeiros.

Alguns destes os vestiam, outros os forneciam a aggregados e camaradas, por conta dos jornaes; com o tempo, o uso naquella fazenda generalizou-se tanto, que ao apontar alguem de lá, já os roceiros affirmavam com a segurança de quem vê indicio certo:

— Aquelle um é das terras do defunto Cintra.

Trecho do Rio Uruguay, no Municipio de Palmeira
Rio Grande do Sul

A LITERATURA ENLUARADA

A PAIXÃO que os escriptores principiantes têm pelos scenarios onde ha luares "pal lidos como virgens" ainda não preoccupou os analystas e criticos literarios e, se preoccupou, foi rapidamente, não houve ninguem que buscasse, ao menos por desfastio, a fonte de tal preferencia. E' evidente que ha uma forte razão para que os néos literatos amem mais as noites de luar que os dias de sol. A razão parece estar em ser mais facil descrever as bellezas da noite que as do dia, posto reclame a descripção das primeiras uma inspiração muito fervente, coisa que ha de sobra nesses principiantes. De facto, os escriptores não são feitos por via exclusiva do talento, mas geralmente por uma necessidade imperiosa de esvasiar a alma de emoções muito fortes e subjectivas, nascidas sempre de um temperamento doentiamente triste, onde estão em primeiro plano as fantasias. Essa tristeza que fica ahi reclama logo um luar e se sente perfeitamente bem em um scenario escuro e parado. O escriptor, dentro desse scenario, antes de mostrar talento mostra quasi sempre uma faceta soberanamente ridicula do seu estado de alma, a não ser quando esteja callejado na arte ou quando saiba controlar-se para não confundir o leitor. Os outros, que não cuidam disso, esses, se têm talento, não o deixam apparecer, porque o encobrem com a falta de serenidade em encarar as coisas mais serenas deste mundo. Pode-se argumentar que a serenidade é procurada por todos sem excepção, mas este argumento não vale porque, se todos procuram a serenidade, muitos são os que a desprezam inconscientemente por via de quererem achal-a de um jacto. Antes della, e pensando estarem com ella, procuram os luares "serenos", os lagos crystallinos (não ha lagos lamacentos), os regatos soluçantes, as corujas com perfis de velhas, os jardins branquinhos, os cypestres bracejando na noite como almas penadas, uma enfiada de coisas faceis de levar um escriptor ao cume do ridiculo. Na verdade, o ridiculo em que sobem os néos escriptores com os seus scenarios mysticos é mais commum do que seria preciso e chega mesmo, em varios casos, a ser fabuloso.

Todos dizem, e dizem acertadamente, que todo brasileiro é escriptor. Realmente, o Brasil neste ponto, está collocado galantemente na frente de todos os paizes civilizados — dizem as autoridades no assumpto que por causa do clima que, não fazendo muitos sabios, faz comtudo indoles de grande sensibilidade affectiva e desordenada, o que está certissimo. O brasileiro, se não tem o que fazer e se sente triste, o primeiro passo que dá é ir ao papel e descrever a sua tristeza que é quasi sempre maior que a sentida realmente e que a do leitor cansado.

O notavel, porém, é que a classe dos escriptores de que falo é a mais desunida que se póde imaginar, não havendo entre elles dois que se comprehendam, apesar de uns valerem os outros.

E mais. Mesmo nas primeiras lições de lingua patria a gente nota logo, no professor velho e cansado, uma invencivel preferencia pelas descripções de scenarios onde ha lagos, flores e perfumes, coisas que por serem geralmente apreciadas, são facilimas de se tornarem piégas. A primeira descripção que esse professor marca para que os alumnos façam em casa, só não é mais difficil por já ser bastante conhecida e mechanicamente treinada.

Hoje, por exemplo, a effectiva é a descripção da Praça da Liberdade com os seus lagos, alamêdas, cyprestes e flores. Todos os alumnos, invariavelmente, começam a tarefa do seguinte modo: "O Jardim da Praça da Liberdade é o mais lindo e florido..." etc.

Mas, voltando á historia dos luares, seria inutil dizer que o néo escriptor põe invariavelmente a lua nos ambientes que imagina pelo facto de, na sua inspiração muito fervente, cheia de emoções tristes e descontroladas, só caber um scenario equivalente ao penumbrismo de sua idéa, onde se arrimam as suas ainda reconditas qualidades.

JUAREZ FELICISSIMO BELLO

HORIZONTE

Na Escola Polytechnica

Collação de grão dos engenheiros de 1980 com a presença do Ministro Francisco Campos

Grupo dos novos engenheiros

Em baixo:

photographia apanhada durante o baile que elles realizaram em regosijo pela sua formatura

REPORTAGEM

Embarque para o Paraná da Senhorita Didi Caillet, nossa querida collaboradora.

Escriptoras e escriptores que tomaram parte na Festa da Saudade de Hermes-Fontes.

O salão do Instituto Nacional de Musica durante a Festa da Saudade de Hermes-Fontes, na qual foi feito o elogio do Poeta e foram declamadas paginas de livros delle.

Reunião do Club dos Officiaes da Policia Militar e do Corpo de Bombeiros.

Tenente - Coronel João Cabanas, que embarcou para a Europa onde vae estudar, commissionado pelo governo de S. Paulo, a organização policial da Allemanha.

Quando a Esquadrilha Aerea passou pela Cidade do Salvador

O General Italo Balbo em visita ao Collegio Italiano.

Em baixo, á esquerda: o General Balbo entre representantes de jornaes bahianos.

Recepção do Ministro da Aeronautica da Italia no Circulo Fascista.

Bahia

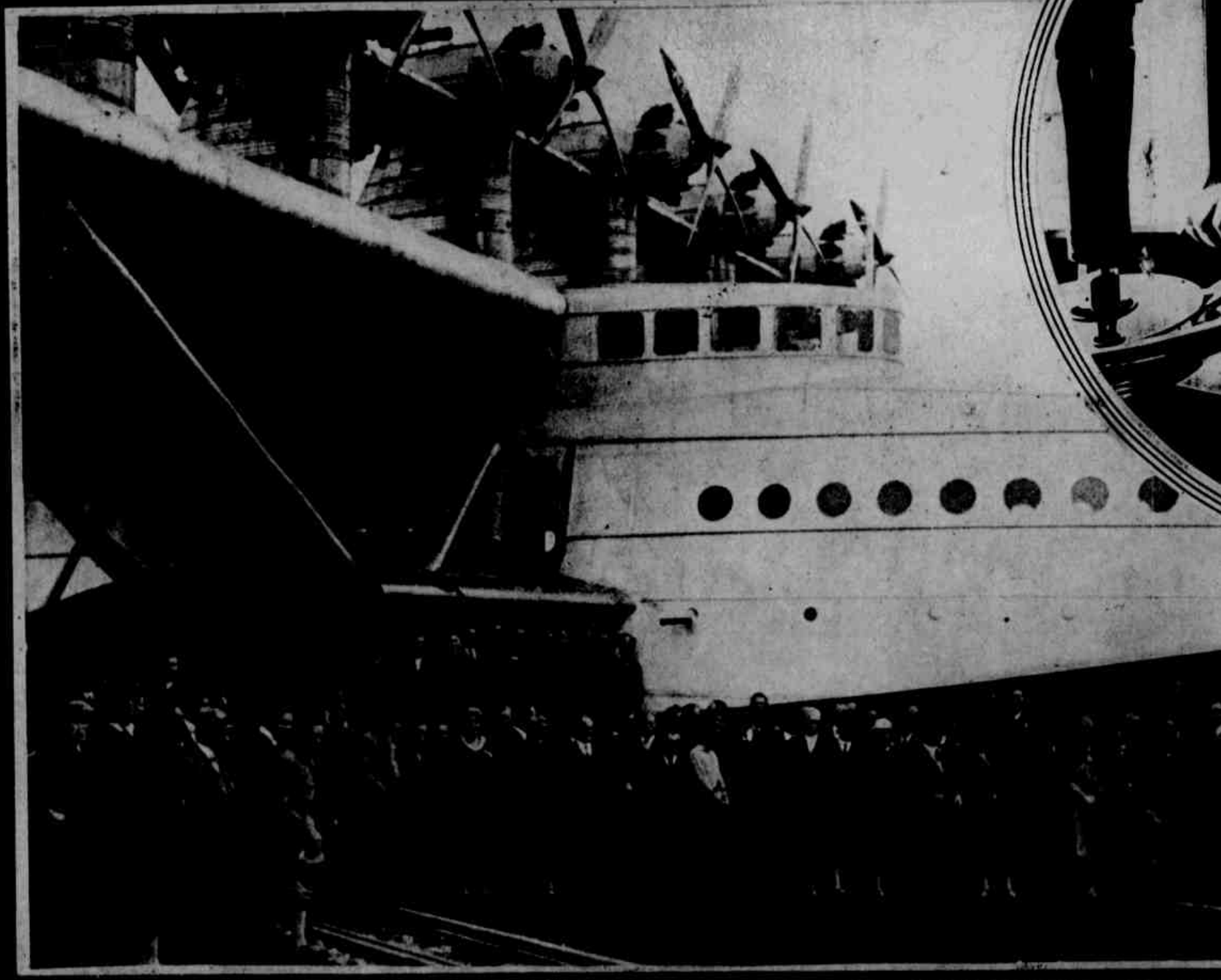
Os jornalistas que acompanharam o vôo Italia-Brasil, na Associação de Imprensa da Bahia.

O "DO-X"

Em pleno vôo

O transatlantico aereo descansando ao crepusculo, num recanto do Tejo, em Lisboa.

Na Suissa, antes de partir para Portugal

ao
a

No medalhão:

o commandante Christiansen na camara de navegação do "DO-X".

Ao lado:

o almirante Gago Coutinho, um dos seis passageiros em viagem para o Brasil.

Em cima, á direita:

um dos fluctuadores do "DO-X".

Em cima: alumnas que terminaram o curso Singer e que vão agora ganhar a sua vida com uma profissão independente.

COSTURAR, BORDAR

Em baixo: entrega dos diplomas e premios, assistida por um representante do Interventor do Districto Federal.

UM POETA

Rachel de Queiroz
autora do romance "O Quinze", premio da Fundação Graça Aranha. Ella ainda não tem vinte annos. Nasceu no Ceará e vive perto de Fortaleza.

Até agora 1931 ainda não nasceu p'ra literatura nossa. Por isso eu vou falar de um nome do anno que acabou. Vou falar de um poeta novo que botou nos o l h o s admirados da gente brasileira um mundo que ninguem conhecia, um Brasil que vivia inédito, dormindo no seu canto.

Esse poeta, por mais que a gente não queira acreditar, é um bello poeta e é uma mulher. São duas surpresas fortes nessa hora e nesse paiz tão pobre de gente que valha a pena... Em geral, no Brasil só nascem poetas que desanimam. Poetas de bitola estreita e de uma insignificancia preciosa... Quando são mulheres, então, o espectaculo é triste demais. Ellas desandam a fazer sonetos repetidissimos, a contar cousas molhadas de lagrimas, com um desperdicio de papel que eu não canso de lamentar...

Eneida surge aqui como uma excepção. Uma excepção que alegra. **Eneida.** Só. Intelligencia e sensibilidade. Affirmação forte.

Eneida publicou "Terra Verde". E ganhou um successo doido. Porque o seu livro é um livro moço, é um claro evangelho de brasilidade.

Sente-se em todo elle a fina sensibilidade que escreveu. O talento. O brilho. Os deslumbramentos magnificos. As observações encantadas. A imaginação dansarina. E uma cor local tão verdadeira que a gente imagina os poemas escriptos com a resina cheirosa dos cipós.

Eu não sou critico. Deus me livre disso. Mas ninguem pode deixar de commentar um livro como "Terra Verde", que tem a belleza do enthusiasmo, da intelligencia e da mocidade.

Vejam como **Eneida** começa, embalando a gente:

"Eu sou de uma cidade risonha,
onde as mangueiras cantam
a canção do vento...
cidade onde o sol é sol, porque é forte,
tropical e bom...
onde a lua é uma grande amorosa
accordando
sons de violões e volupias de amor..."

Depois **Eneida** entra pelos rios, pelos igarapés, fura mundos, verga cipós, trepa na cabelleira verde dos assahyseiros, vê a uyára, a matintaperêra, canta o "mar da cor dos olhos de certas mulheres..."

Olhem como pesa toda a immensidade da selva bruta neste instantaneo em pleno Tocantins:

"Olá..."
E o éco: — "Olá!..."
Parece que foi a voz sonora do rio calmo que falou...
O rio já nos saudou!...
"Olá!..."

A belleza daquelle sol de fogo pretextou a **Eneida** uma das cousas mais bonitas do seu livro. Ella principia assim o poema do "Sol Amazonico":

"E' um rei!
Elle nasceu aqui na matta virgem!
Não veiu da mythologia
Não pertence á astrologia:
E' nosso!"

E o poeta vae dizendo do sol da sua "terra moça e verde, toda enfeitada de cor, toda perfumada de belleza".

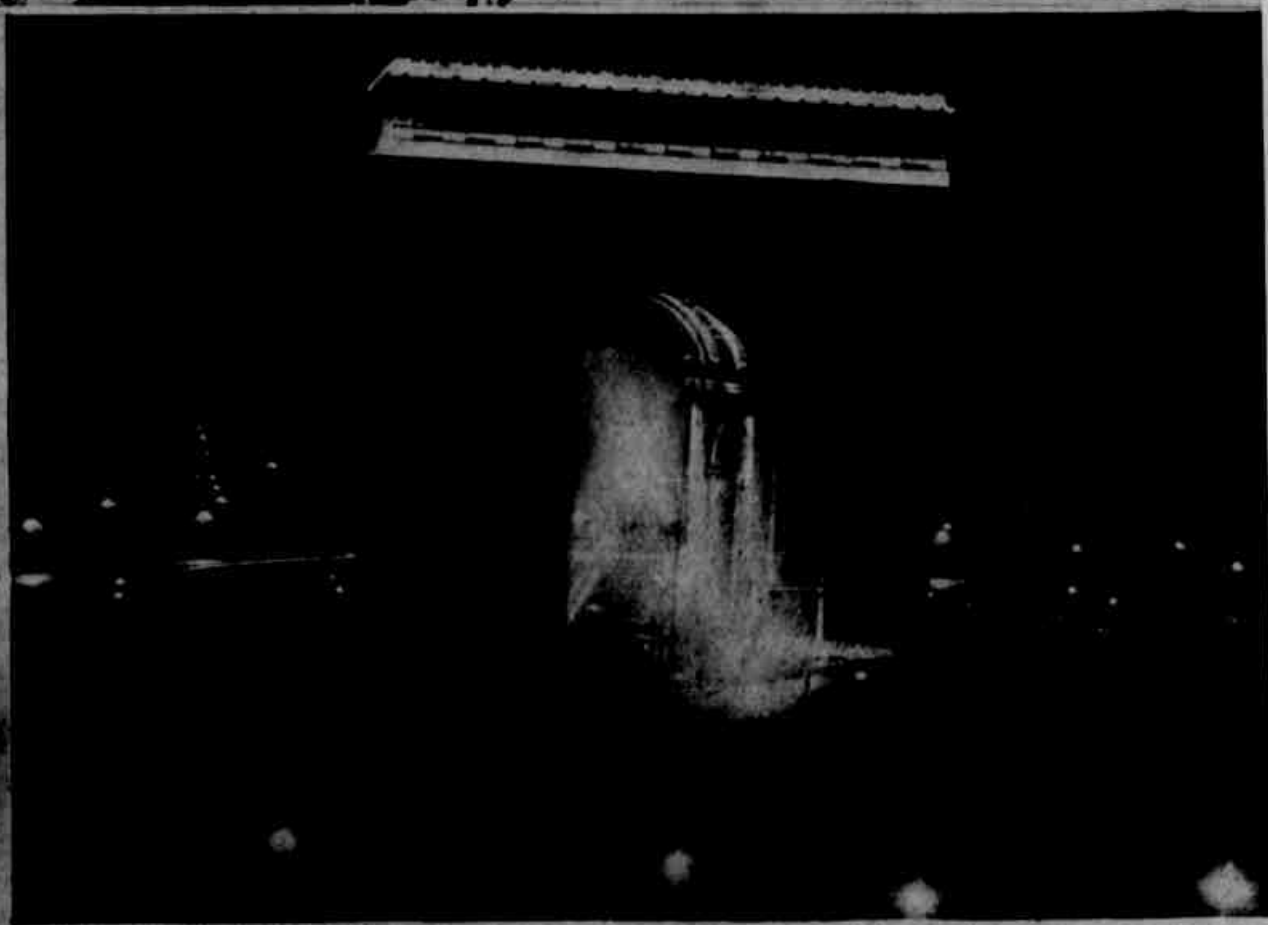
A gente não pode escolher nada em "Terra Verde". Não pode porque se se lembrar de transcrever vem é a vontade de botar aqui nas paginas do "Para todos..." o livro inteirinho, illustrado, se fosse possivel, pela autora, e mais seus olhos verdes, e mais a sua "muyrakitãn" authentica, presente de um **pagé** amavel daquellas terras...

Eu abri ao acaso. Tirei estes tres pedacinhos incompletos p'ra que vocês tambem ficassem admirando. Admirando "Terra Verde" como um livro millionario de cor e de belleza. Livro de modernidade. Bonito como uma manhã de sol.

DANTE COSTA

O enterro do Marechal Joffre

As bandeiras dos regimentos dissolvidos inclinam-se á passagem da carreta com o caixão do grande Chefe.

O corpo rodeado pelos generaes Lyautey e Pétain e officiaes estrangeiros.

O Arco do Triumpho

O automovel mortuario passando deante do tumulo do Soldado Desconhecido.

(Photos Meurisse)

COLONIA CIDADE DE JARDINS

POR JOSEF GIESEN

DIRECTOR DE JARDINS DA CIDADE DE COLONIA

COLONIA, desde o começo da era christã fortaleza romana, esteve durante mais de 18 seculos por tal forma encerrada pelos fortins que mal havia logar para moradias de creaturas humanas, quanto menos para passeios ajardinados e parques publicos. Só em fins do seculo 19, quando foi derrubada parte dos fortes internos da cidade, é que se poude passar a transformar os antigos baluartes em passeios e parques publicos, de modo que, ao terminar a conflagração mundial, Colonia tinha cerca de 350 hectares de passeios ajardinados modernos.

Se a cidade de Colonia, durante aquella epoca, não divergia muito de outras grandes cidades allemãs, taes como Francfort s. Meno ou Breslau, no que dizia respeito aos seus jardins e passeios publicos, desde a rebordosa politica havida realizou-se uma revolução muito mais elegante e graciosa do aspecto da vetusta cidade, graças ao estabelecimento de um programma, genial o systematicamente levado a effeito, no sentido da arborisaçãe e plantação.

Entre Colonia e os seus suburbios, dentro dos limites da antiga faixa de fortins, surgiu uma faixa verdejante que encarreira, *numa extensão de 7 kilometros*, jardins e jardins floridos, lagos e canaes artificiaes, pequenas hortas permanentes e *campos de sport*. Entreligada por caminhos arborizados, apresenta prados e campinas para creanças e adultos se acamparem, logares destinados a jogos e brinquedos infantis, pergolas e outros sitios destinados ao repouso e á diversão dos cidadãos. Assim essa faixa tornou-se verdadeiro "bijou" dos burguezes de Colonia.

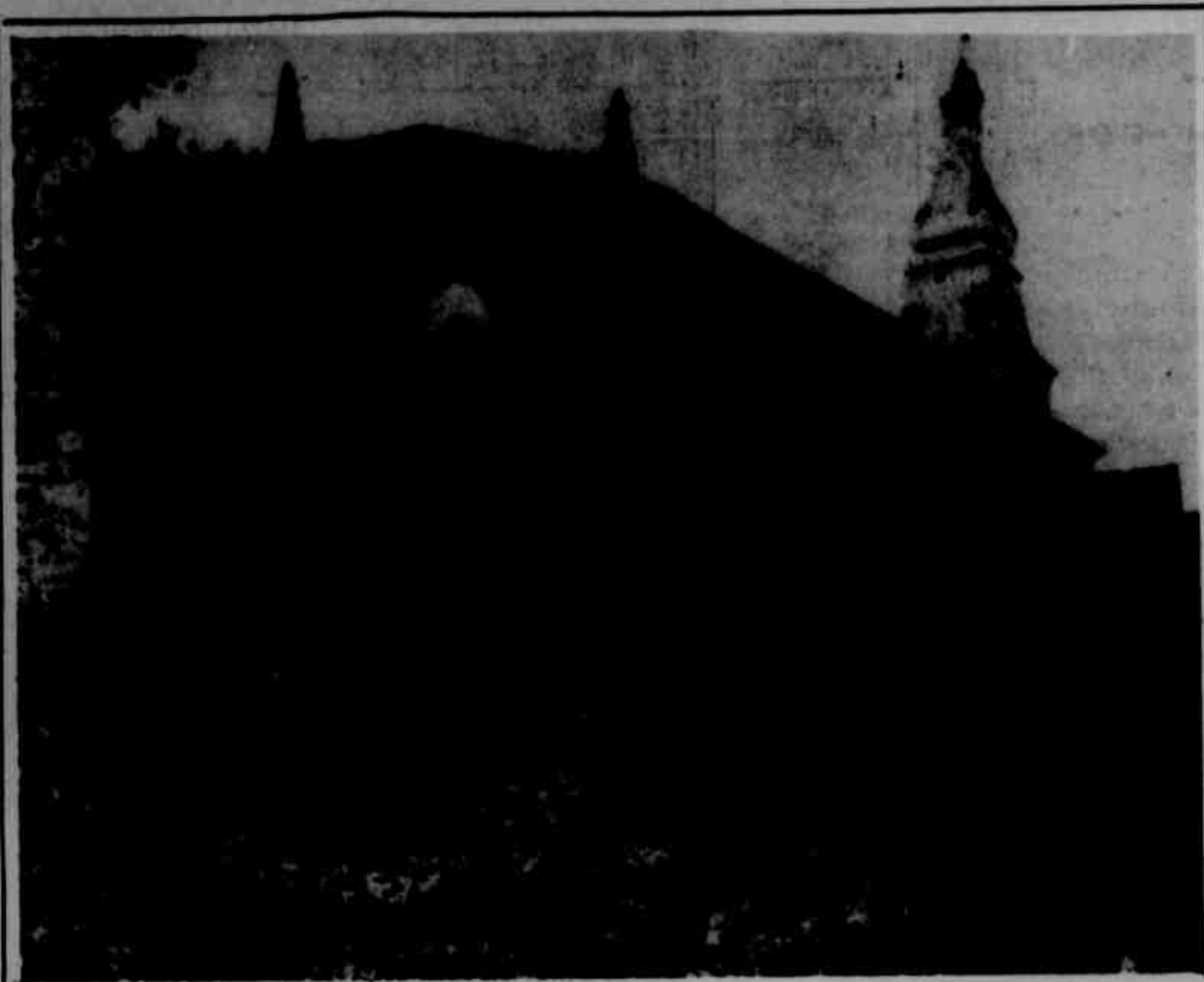
No extremo oeste do municipio foi creado *o Estadio*, o primeiro neste genero na Allemanha. Graças á sua modelar disposição, elle tem servido de padrão a muitos campos de esporte congeneres, mais tarde creados no interior do paiz e mesmo em outros paizes. O Estadio de Colonia constitue *o maior Centro esportivo da Europa.* Ha ali opportunidade para se exercerem todas as especies de esporte da epoca actual, tendo reinado a maxima generosidade em possibilitar todo e qualquer esporte. Ao mesmo tempo, porém, foram creados ainda, de accôrdo com as necessidade e exigencias dos diversos quarteirões, muitos campos de esporte independentes, distribuidos por todo o municipio, tendo, assim, os clubs e gremios esportivos vasto campo de acção.

Na enfiada da ultima faixa de fortins, a cerca de 5 a 6 kilometros de distancia do centro da cidade, no ponto em que, pouco depois de terminada a guerra, se inutilisaram umas duzias de fortins, foram preparados e installados, numa extensão de *38 km. de comprimento*, por sobre os fortins demolidos e arrasados, parques publicos, campos de esporte e praças para jogos infantis, *escolas para jardineiros, escolas ao ar livre, destinadas a serem frequentadas por creanças doentias*, banhos de ar e sol e jardins de flôres, tendo surgido multipla variedade de aspectos, em que se vêem magnificos passeios ajardinados e trechos aparquesados.

A esse ponto havia chegado o desenvolvimento da cidade, no anno de 1927. *Tinha-se podido augmentar, pois*, no ultimo decennio, *a area verdejante em 650 hectares ao todo*, obras estas realizadas *para combater a falta de trabalho geral*. Havia á disposição 105 hectares para esporte, 104 para campos de recreio e acampamento, 112 praças para jogos infantis, 36 jardins independentes, 7 escolas florestaes e ao ar livre, 4 banhos de ar e sol para creanças doentias, 22 escolas para jardinaria e 2 praias de banho.

Desde então, porém, já está em via de execução outro plano devéras gigantesco. Toda a area, outrora occupada pelas esplanadas avançadas da fortaleza, area que, até 1920, estivera sujeita a restricções constructivas e que, *numa extensão de 40 kms. abrange cerca de quasi 4000 hectares*, contornando toda a cidade de Colonia, está presentemente sendo transformada em planicies verdejantes. Os primeiros 8 kms., dispostos em forma de parques, com grande variedade de florestas e bosques, prados e collinas, entremeados de canaes, estão prestes a ser terminadas. E não tardará o tempo em que toda a região fortificada, a faixa exterior e seus ramaes, que vão dar ao centro da cidade em forma de alamedas, esteja terminada tambem. Colonia terá então realizado uma obra em seu genero unica em todo o mundo: o de ter transformado uma velha cidade, constrangida por empecilhos de toda especie, *em uma cidade de jardins, architectonicamente ultra-moderna e até mesmo modelar.*

AURORA BRUZON Pianista brasileira. Tem 16 annos. Foi elogiadissima pela critica de Berlin depois do concerto que deu, em fins do anno passado, no salão Beethoven, da Capital da Allemanha.

A

Catnedral de Sarlat

O PÉRIGORD deve o seu renome ás suas truffas, á sua cosinha, a certo pequeno abbade vicioso que Voltaire nos mostra em liberdade e ao condado soberano que herdou, pelo menos nominalmente, o mais intelligente dos diplomatas francezes. Não acho que se possam esquecer essas glorias historicas, gastronomicas e literarias, mas, a estas ultimas penso que se devem juntar os nomes de Bertrand de Born, de Brantôme, de La Boétie, de Montaigne, de Fénelon, de Maine de Birau, de Joubert, de Léon Bloy. Mas não é prohibido sustentar que o velho Périgord, tornado Dordogne depois do desapparecimento das provincias, offerece o paradoxo, aliás pouco raro em França, de continuarem ignoradas as coisas que mereciam fazel-o conhecido.

Será porque elle fica á margem da grande estrada do sudoéste que contorna os altos planaltos, as collinas e conduz atravez da Loire, dos pequenos valles de Poitou, e de Saintonge, das planicies da Gironda e de Landes, — de Paris aos *portos pyrenaicos?* E' provavel, pois o seu caminho fluvial é perpendicular áquella, emquanto que o Rhône trilha, no caos das montanhas, a trincheira profunda que marca o segundo e ultimo caminho de accesso, do norte ao sul, isto é, de uma a outra das duas civilizações do Occidente. Pautada, como o Périgord, entre essas duas estradas reaes, a Auvergne, embora mais alta, é menos isolada do que elle. Todos os affluentes da esquerda da Loire, a propria Loire, vão até lá, sem falar nas mil fontes ás quaes os bronchiticos, os asthmaticos, os lymphaticos, os hepaticos, os nephriticos, os eczematosos, os dyspepticos, os diabeticos, os constipados vão pedir a unica illusão permittida aos pobres homens, além do mysticismo e do amor, a da saude. Do isolamento da Dordogne ha uma prova irrefutavel. O guia Michelin dá a indicação das fontes de Auvergne, dos lagos de Landes, dos castellos da Loire, dos monumentos da Provence, vinte outras: nenhuma sobre a Dordogne. Ora, é um dos logares mais pittorescos da França, pelo imprevisto dos seus aspectos onde as essencias do Norte e do Meio-dia se succedem sem transição, onde os climas do centro, do sul e do oeste, sol e chuva, planaltos calcinados, planicies luxuriantes se alternam: florestas de castanheiros, de carvalhos, ribeiras de aguas azues ou pretas que cingem os povoados e que conduzem, atravez de granitos e calcareos, de uma região dilatada de vulcões ás alluviões cobertas de tapetes de vinha, trezentos castellos semeados, dos altos aos baixos valles, sobre as acropoles bravias e as frias collinas.

Quando se desce do noroeste, pela Dronne e Isle, tributarios sinuosos e agitados da Dordogne, chamam a attenção as opposições que reinam de uma margem á outra. Ao noroeste, lagos e pantanos, bosques de pinheiros, desertos incultos, homens com o idioma de *oïl*, homens do campo, irmãos dos de Saintonge. Ao sul e ao éste, vegetações riquissimas, já ordenadas, aqui barbaras, nozes, urzes, castanhas, carvalhos, homens da montanha e homens com o idioma de *oc*. Estes, desde sempre, com certeza, dolichocéphalicos, quasi unicos na França, ao mesmo tempo subtis e incultos, descendentes provaveis das mais velhas civilizações da historia, os troglodytas artistas que povoaram as margens da Vézère; uma das capitaes, com os Pyrineus, do mundo magdaleniano. E' o verdadeiro Périgord, branco ao norte, preto ao sul, a verdadeira Dordogne, a dos valles que descidos do Massiço central, dos rochedos a pico sobre os rios ora en caixotados, ora expostos, dos torreões feudaes, das velhas abbadias, das grotas prehistoricas, do forte sabor humano que se purifica e se cultiva cada vez mais até ao seu ponto extremo, — o castello de Montaigne, as ruinas de Saint-Emilion, Castillon, ultimo campo de batalha da guerra de Cem annos, — descendo para o sudoeste com as aguas, os grandes pecegos dourados espalhados entre as cepas, as vinhas cada vez mais illustres á medida que se avança para Bordeaux.

Nesse paiz atormentado onde valles verdes, planaltos pretos e vermelhos mostram tão enormes contrastes e onde todos os cotovellos dos rios indicam tantos sitios rudes ou encantadores, uma coisa entristece. Mais do que em qualquer outro logar de França, onde a regra é sempre a mesma, essas populações habitam ruinas. Outrora rico, hoje pobre. Outrora cultivado, hoje inculto, á parte os vinhedos entre Bergerac e Saint-Emilion, tratados como jardins. Uma emigração chronica despovoa as aldeias, atira os aldeões para Paris, onde, para não cavar mais a terra, elles empurram *wagons* para os desvios, descarregam o carvão, unem os carros dos trens, massacram, pouco a pouco, a raça na miseria dos suburbios. Maravilhosas e velhas cidades, Monpazier, taboleiro quadrado ainda guarnecido com as suas muralhas, Domme, sobre o rochedo a pique em cima da Dordogne, Sarlat, Montignac, Belvés, Limenil e tantas outras, desmoronam-se, veem as ortigas invadirem as suas ruas entre as casas da era dos Bourbons cujos telhados perderam quasi todas as telhas, cujas janellas quebradas tombam, cujas fachadas decrepitas apenas para os iniciados guardam a harmonia das coisas bellas. Cidades inteiras abandonadas. Que será preciso para a resurreição? Um pou-

Lithographia antiga representando o convento da Fé em Périgueux.

DORDOGNE

por ELIE FAURE

co de dinheiro, alguma publicidade, quatro bons hoteis distribuidos entre Périgueux, Bergerac, Excidenil, Sarlat, um itinerario, capaz de mostrar aos estrangeiros e mesmo aos francezes, a immensa riqueza desse paiz em aspectos, em monumentos testemunhas das civilizações passadas que abrangem toda a historia, desde a pedra talhada até á Revolução.

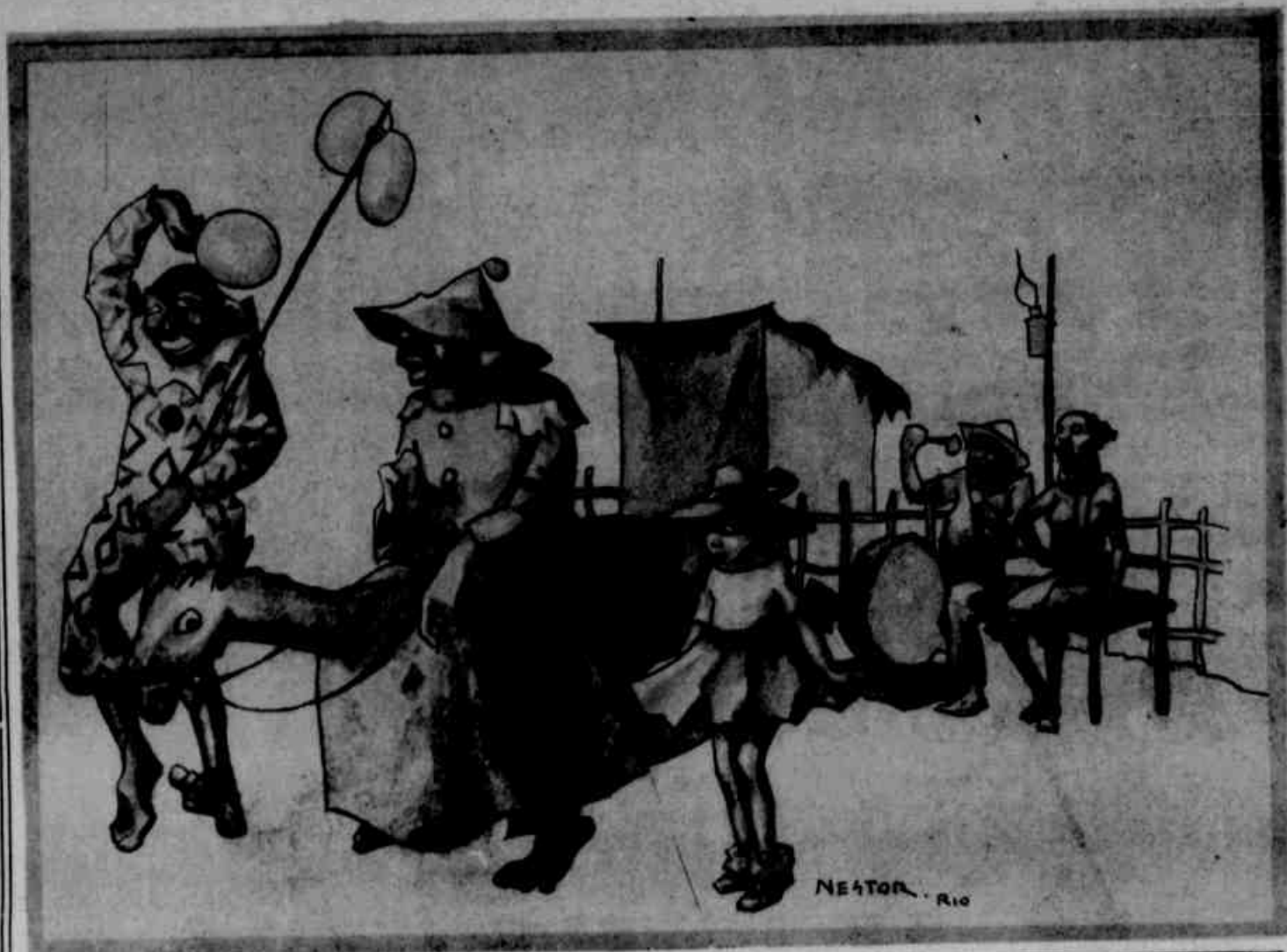
Eu disse 300 castellos. Não exaggero. E, um terço pelo menos, possue os mais puros e os mais notaveis estylos, com as cortinas e torres ameiadas dos seculos XIII e XIV, o terraço ao fundo de escarpadas com cavernas prehistoricas; ou as fachadas rectangulares dos seculos XVII e XVIII cuja nudez mascula accusava, até o principio dos tempos modernos, a persistencia de uma cultura, ou melhor de uma vontade. Foi devido ao isolamento, ao qual me referi, que esse conjuncto de solares sobre as cristas dos valles, não se tornou mais celebre do que os castellos da Loire, em geral maiores e mais conservados e mais ricamente apresentados, porém menos numerosos — e sobretudo muito menos bellos. E além disso, excepto alguns — Augers, Luynes, Laugeais — elles são em estylo bastardo, italiano misturado com gothico, orgia profusa de ornamentos, chaminés, pilastras, rendilhados, confusos e insignificantes dentro da enormidade. Ao passo que na Dordogne, nada de Renascimento, excepto uma duzia delles — Moubazillac entre outros, iguaes aos melhores da Loire — se vêem todos os grandes estylos francezes, ogival, classico, post-classico, puros, robustos, sem comprommettimentos nem sobrecargas, plantando sobre a rocha com segurança a intransigencia feudal ou a firme elegancia de uma nobreza que se preparava para bem morrer: Bonaguil, Sumilhac, Comarque, Bourdeilles, Vaucocour, Beaufort, Marenil, Montfort, Fénelon, os Bories, Grolegac, Paluel, Château l'Evêque, Maronatte, Salignac, Montastruc, Gavandun, Belcayre, Bannes, Laroque, Laussel, cincoenta outros. No angulo que forma a Dordogne sob o rochedo de La Roque-Gageac, cujo flanco abrupto é coberto de casas encravadas na pedra, é uma surpresa avistar do alto do terraço de Beynac que domina o rio de 200 pés, o meio-circulo de solares seguindo a curva das aguas que as planicies verdejantes e os choupaes acompanham: Marqueyssac, Castelnaud, Fayrac, Malardrerie. Os torreões das quatro illustres baronias resistiram a tudo, ruina ou desapparecimento das familias soberanas, guerras civis, intemperies, abandono do tempo e dos homens, incuria actual: não sómente Beynac existe ainda, bem restaurado ha alguns annos, mas tambem Brantôme sobre a Dronne murmurejante, o enorme Biron, o nobre Hautefort, sombrio Versailles rodeado de valles desertos e de sordidas mansardas... Como os americanos e os homens de negocios, uma vez que os francezes não querem ver nem entender, não descobriram ainda, em torno desse paiz, cuja graça tem sempre qualquer coisa de arisco e a melancolia qualquer coisa de risonho, essa coroa de torres, esse collar de janellas e de vidros brilhantes? Garanto-lhes bellas surpresas architecturaes, sem contar os Eyzies e seu museu, os frescos e as esculpturas rupestres de vinte grotas, as igrejas, as abbadias, os claustros — Thiviers, Brantôme, Grand-Brassac, Dirac, Cadouin, Tayrac, Chancelade, Beaumont, Souillac, etc., — os santuarios monolithos de Caudon, de Brantôme, de Saint-Emilion, Saint-Frout e sobretudo Saint-Etienne de Périgueux, paradoxos archeologicos, grandiosas naves byzantinas nesse paiz celta e romano onde subsistem ainda traços de arenas, espalhados por toda parte nas aldeias, emquanto que abobadas e sinos romanos sobem de Augoumois. Era sob um zimborio de pendentes, do mais puro estylo e que não mede tres metros de diametro, uma extranha e pequena joia, quasi ironica, nada pretenciosa, perfeita, firme e sem rebarbas que Montaigne, á hora da missa, cortando o caminho atravez das vinhas, se ia sentar no banco do senhor.

A igreja de Grand-Brassac

A grota de Eyzies

Uma vista de conjuncto do mosteiro de Brantôme

DOIS ARTISTAS PERNAMBUCANOS FAZEM UMA PAGINA DO "PARA TODOS"...

Typo de folião pernambucano

"O bumba meu boi" - vendo-se as figuras do Matheus e do cavallo marinho e junto ao "candieiro do gaz" o homem do "zabumba" e uma "cantadeira"

O menino que vende rolêtes de canna

O caricaturista Nestor em uma "charge" de Euclides

Populares em plena alegria do carnaval pernambucano, fazendo "passos" choreographicos no "frêvo" que é a loucura das multidões carnavalescas

Vendedora de peixe frito nas velhas ruas do bairro de S. José

D e P o r t u g a l

Visita dos delegados ao 15º Congresso de Anthropologia á Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal, Porto, Gaya, vinte e sete de Setembro de mil novecentos e trinta.

XISTO

de Antonius

Eu conheci um homem que se chamava Xisto e que escrevia o seu nome com Ch. Quando o assisti, pela ultima vez, em uma viagem que fiz á minha terra, vae para dois annos, elle era já quintannista do primeiro anno de Odontologia, depois de ter sido jubilado em uma escola militar de preparatorios.

Sabia de cór os artigos de todas as leis de ensino promulgadas nos ultimos dez annos, mas não sabia mais nada. Mortal nenhum foi jamais dotado de uma mais solida estupidez e nunca esta santa virtude se installou tão confortavelmente como na pessoa espaçosa do Xisto. Elle confundia o habito com o dever, a ponto de se julgar um monumento de utilidade publica, indo sentar-se, cada dia, ás mesmas horas — que eram as doze do dia — no mesmo banco da mesma praça — e lá ficava a sorrir aquelle sorriso imbecil que têm as estatuas dos philosophos, indefectivel, municipal. Findo o dia, constatava no seu relogio attentamente as 7 horas que acabavam de soar na torre proxima, e, com um "bom" prolongado, repetido como um éco da ultima badalada, o Xisto removia-se lentamente da praça para o café da esquina, onde abrigava o ventre sob a mesa mais proxima, queixando-se de cansaço ao *garçon*. Isto, para elle, era a vida. Achara uma profissão: deixar-se viver assim. Faltava-lhe, entretanto, um diploma, e, como não lhe sobrasse o tempo para fazer um curso mais longo — confessava — matriculara-se em Odontologia. A sua estupidez era notavel mesmo entre os seus collegas...

Lembro-me sempre do Xisto com nostalgia, como da paizagem da minha terra, na qual elle tem uma parte tão consideravel, no primeiro plano.

"FRED"

"Nair de Teffé, cumprimentando affectuosamente, envia uma "pose" do seu cachorrinho "Fred" — cor de fogo — cuja belleza de linhas é considerada impeccavel (pelos entendidos) e que domingo ultimo, na Exposição do Kennel Club, em Petropolis, levantou o Grande Premio.

THEATRO

Quando o ex-prefeito Prado Junior fez inaugurar o nacionalissimo Theatro João Caetano por uma Companhia franceza, representando peças estrangeiras, toda gente que se interessa pelo "Theatro Nacional" gritou e esbravejou. Eu tambem gritei, sem esbravejar.

A razão desses gritos era que o "João Caetano", por suas tradições, deveria ser destinado exclusivamente á arte brasileira. Por isto é que, dentro da logica de tal razão, houve ultimamente tantos applausos quando se soube que o moderno theatro da Praça Tiradentes ia ser entregue a uma companhia mais nacional do que o — **verde e amarello**. Eu tambem applaudi essa noticia. E foi assim, debaixo de contentamentos ruidosos, que se constituiu a Grande Companhia do Theatro João Caetano. Mas eu, nacionalista intransigente, nessa altura, discordei do conselho geral e... despedi-me da claque. Assim o fiz porque vi que, tirando o 1º actor e outros elementos secundarios, aquella **companhia brasileira** do João Caetano era muito mais **Fado** do que **Maxixe**, muito mais **Tejo** do que **Guanabara**.

Recalcando, porém, a primeira decepção, esperei pela peça de estréa, convicto de que seria revelada ao publico alguma nova e interessante producção nacional. Esperei em vão. A opereta de abertura da **nova** estação theatral brasileira, sob a Republica nova, foi uma peça européa, traduzida de um film americano... Desta vez, não sei por que, os jacobinos não gritaram nem esbravejaram, e acharam a cousa muito natural. Mas, eu, não. Achei aquillo muito exquisito e... esperei pela 2ª opereta. Esperei e fui novamente decepcionado, porque a 2ª peça foi uma opereta hespanhola, traduzida mesmo do hespanhol, merecendo apenas respeitos e venerações, pelos seus conhecidos cabellos brancos. Só faltou que estivesse vestida de sobrecasaca preta e chapéo de pello... á ingleza. Mas, cousa curiosa, ainda desta vez, os theatreiros nacionalistas continuaram não gritando nem esbravejando. Menos eu. Porque, de duas, uma: — ou possuimos realmente artistas brasileiros, autores brasileiros, compositores brasileiros, e temos razão de exigir a organização do Theatro Nacional; — ou não possuimos esses elementos essenciaes e, então, devemos deixar de **fazer fitas** com o Theatro e com o Nacionalismo, devemos deixar que João Caetano repouse em paz e devemos erguer, desassombradamente, vivas ao **Cabaret**, ao Café-Concerto e á Revista.

Estou, entretanto, pela primeira hypothese. Elementos existem de sobra. O que nos faltam são duas cousas muito simples: — empresarios sem teias de aranha, e coragem de sermos donos do Brasil.

PRATACY

Lely Morel

reveladora de tangos bonitos no Theatro Recreio

FIM DE COMBATE

Vindos de oppostos caminhos,
O Desejo e a Timidez
Encontraram-se, juntinhos,
Em minha porta, uma vez.

O Desejo entrou primeiro,
Timidez logo depois.
E, depressa, prisioneiro
Eu fiquei de todos dois.

Se um me impelle corajoso,
Detem-me a outra, prudente.
Assim, quero, mas não ouso
E o meu silencio te mente...

Grita, agitado, o Desejo:
— "Vae, sê audaz, destemido,
Dize-lhe tudo num beijo,
Que ellas gostam do atrevido"...

Mas, Timidez intervem,
Fala em Dever e Razão,
Fala em cautela tambem
E me cala o coração...

O meu destino é jogado
Nesse combate sem fim:
— Desejo — está do meu lado,
Timidez é contra mim!

Vem, querida, e de uma vez
Livra-me desse embaraço:
— Vem e mata a Timidez
Suffocada num abraço...

GILBERTO DE ANDRADE

Porcellanas Faianças Ceramicas

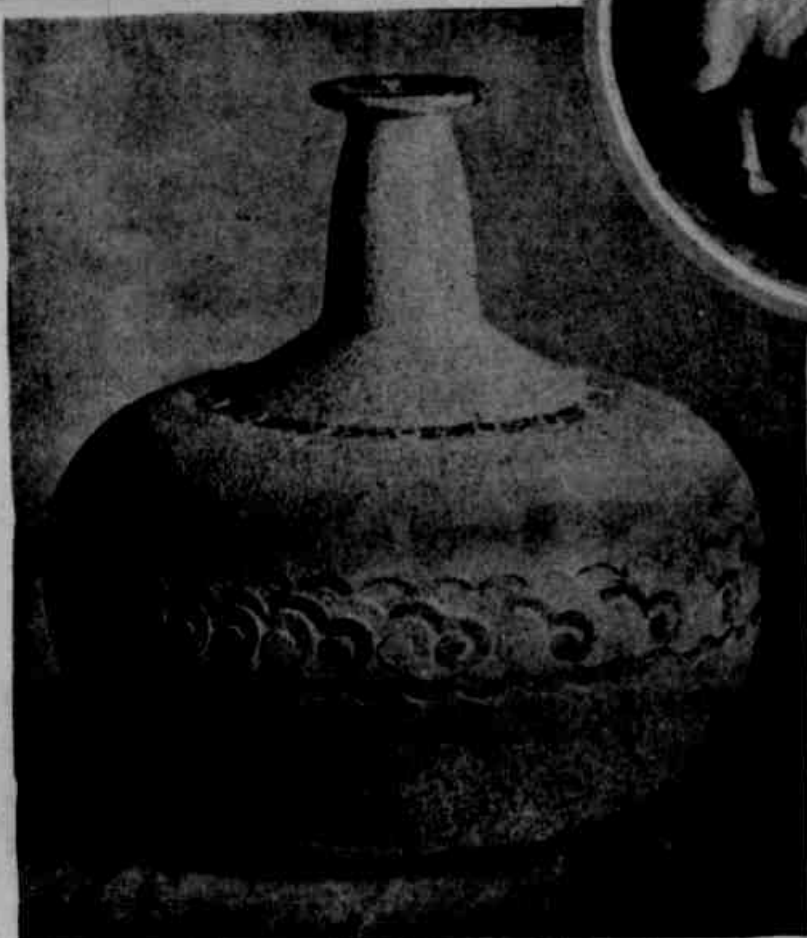
Vasos azues e côr de ouro de manufactura ingleza

Um garrafão e dois vasos levissimos

Modelos de 1850 de New Jersey têm oitenta annos e são modernos...

Trabalhos do professor Max Laugér, allemão. Em baixo: renovação dos antigos esmaltes em relevo do Longwy.

Mestre Lourioux vestiu de esmal tes profundos esta moringa de barro.

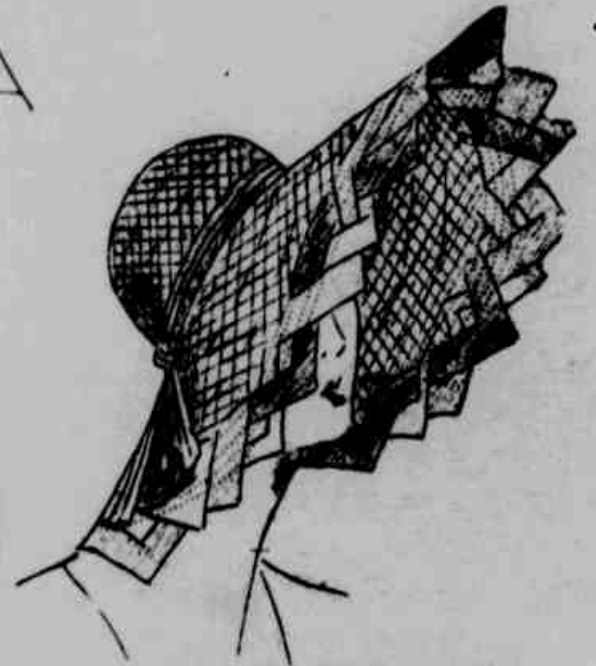
Faiança da Gironda

DE ELEGANCIA

AINDA em Janeiro tivemos festas elegantissimas. A esquadrilha Balbo conseguiu que o "grand monde" carioca comparecesse ás reuniões em homenagem aos aviadores d'alémmar. O Jockey marcou a mais bella tarde dos ultimos tempos. Mesmo na estação official e officiaes "carreiras" não ha lembrança de se ter visto assembléa tão encantadora. E lá, nesse dia, muito apropriados os longos vestidos de "Georgette", de seda estampada, de musselina, de renda grandes "Capelines", luvas do tom da roupa. Tarde clara, magnifica, temperatura agradavel. Numa época em que se trata de consumir producções nacionaes, havia muito modelo parisiense. E as brasileiras pareciam lindos figurinos vestidas por Mirande, por Doucet, por Vionnet, por Max, por Chantal e outros costureiros da cidade Luz. Foi attestado de que elegancia e belleza não estão em crise.

Das que lá foram: a Embaixatriz Cerrutti, Sra. Costa Pereira, Sra. Xavier da Silveira, Sra. Adhemar de Faria, Sra. Stampa, Gouvêa Sobrinha, Srta. Paes Leme, senhoritas Candido Mendes, Solange Souza Leão, Zizi Nuno de Andrade, Baroneza de Saavedra, Sra. Assis Chateaubriand, Sra. Evaristo da Veiga, senhorita Leuzinger, Sra. Marcos de Mendonça, senhorita Maria José de Queiroz...

Os aviadores italianos, o illustre Balbo, eminencias do Brasil Novo, o prado de corridas num logar maravilhoso, mulheres lindas, e o interesse de jogar na certa...

——oOo——

Parece que, este anno, não ha grande preoccupação de fantasias. Ouvi até a uma "foliona" que os pyjamas de praia servirão para os festejos de Mômo.

Se o descaso pelas luxuosas fantasias anda assim, não ha como vestir-se com uma bonita "toilette" de baile. Vão aqui modelos *de Paris: crêpe* romano branco, um laço como remate ao decote, nas costas; "Georgette" azul pastel, saia em prégas cosidas de fórma a afinar os quadris; "faille-taffetas" encarnado vivo, *ruche* **larga debruando a saia, e mais estreita cintando a blusa; "manteau" em "hermine" e "renard" branco; vestido de "marocain" preto, decote, enfeitado de torça, de "Georgette" verde "jade" e verde agua;** *crêpe* da China branco e tiras plissadas como enfeite; *crêpe* romano azul electrico; musselina de seda vermelha, blusa drapeada nas costas e fécho de crystal; *tulle* grosso preto e entremeios de fita de velludo rosa; "faille" verde e "ruche" na costura do babadão com a blusa; *crêpe* rosa trabalhado em recortes; "Lamé" fantasia — rosa e verde — para a blusa e babado de *tulle* em dois tons de rosa; *crêpe* romano *cyclamen* e saia terminada por pontas irregulares; "Georgette" rosa e entremeios de renda do mesmo tom.

As outras figuras: centro de chapéo formado de "Cellophane" prateado; galão de palha côr de madeira bordada a crina preta; galão de "Cellophane"; "béret" para jantar — lantejoulas brancas, em fórma de escama, e presas a uma rêde de *crochet;* touca bordada a tubos de "jais"; collar de "jais", crystal e "agathine" vermelha; bolsa de camurça preta e fecho de "agathine"; flôr de crystal transparente, e bolas de lantejoulas formando com o "béret".

——oOo——

A. Dorét continúa a ser o cabelleiro preferido da nossa "élite", pois elle tem a pratica de cuidar dos cabellos e a arte de arranjar o penteado que mais nos assenta. Assim, no confortavel salão da rua Alcindo Guanabara está sempre "tout Rio chic" attendido com a maxima solicitude.

— Margarida Seixas — Pelotas — "Indanthren" é a marca de anilinas que colore os tecidos na fabrica. As tinturarias não usam dessa tinta. Se, por um lado isso desconsóla, por outro anima. E' que a fixidez de colorido garantida por "Indanthren" evita que os vestidos descorem — como frequentemente acontece — em meia duzia de vezes que os vestimos, ou em muito menos, e á claridade do sol. A minha gentilissima leitora encontrará nas boas casas tecidos que trazem a etiqueta — "Indanthren".

Quanto aos modelos de almofadas, na proxima vez será satisfeita.

—oOo—

Tambem figura nesta pagina: "hall" arranjado ao gosto inglez.

—oOo—

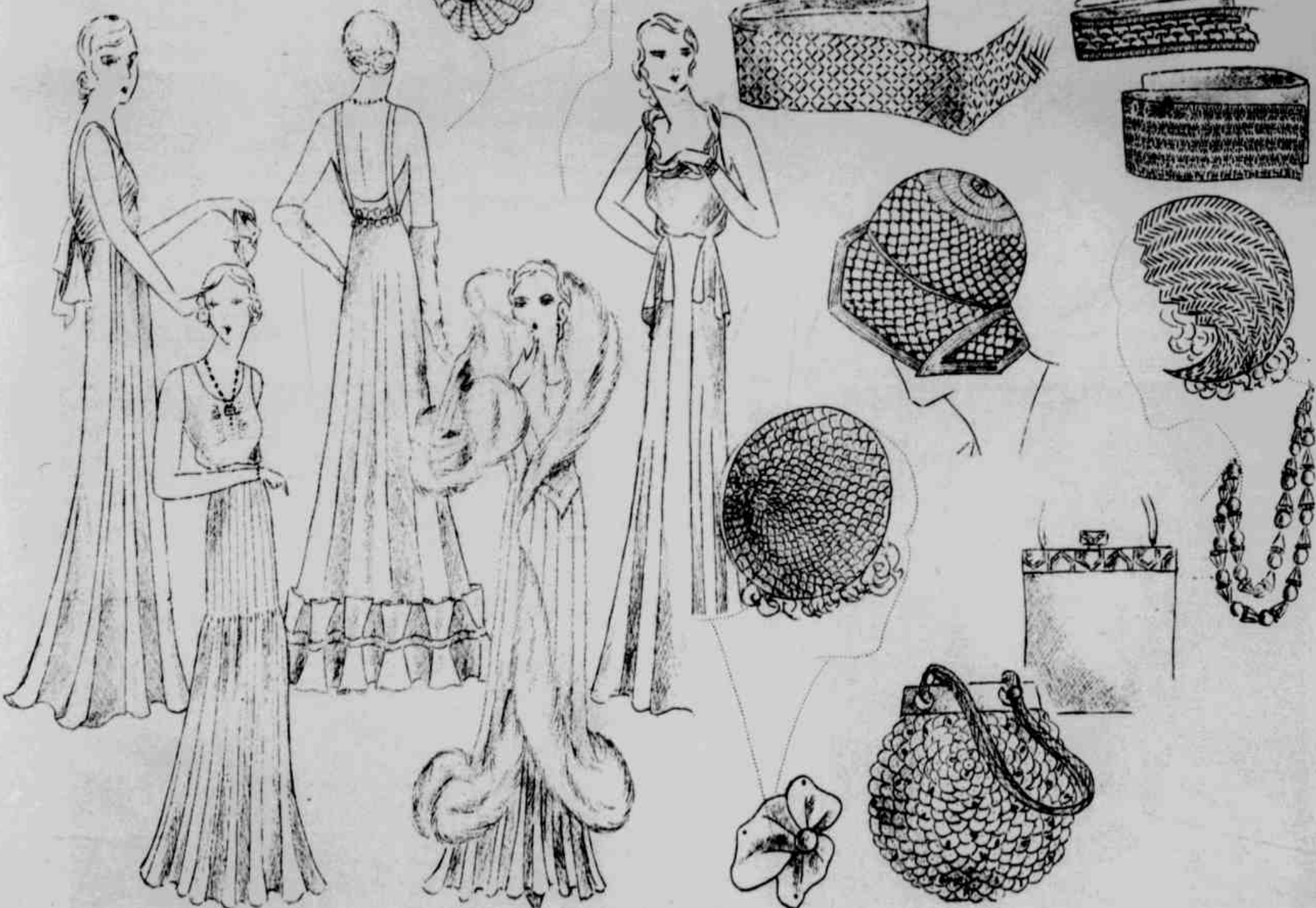
Didi Caillet, miss Paraná 1929, seguiu para a sua terra. A formosa moça, porém, prometteu voltar ao Rio dentro de dois ou tres mezes.

—oOo—

Nunca está fóra de tempo annotar uma gentileza, por isso agradeço o convite que Olga Praguer, me remetteu para o seu recital que foi uma das mais bonitas reuniões dos ultimos tempos.

—oOo—

"Moda e Bordado" de Janeiro está excellente.

SORCIÈRE

MINEIRINHAS

Senhorita Aditta Costa a mais votada no concurso de belleza de Uberlandia, Minas.

Senhorita Ritinha Bastos, Paraiso, Minas.

Senhorita Thereza Pereira, Bairro Alto, Araxá, Minas.

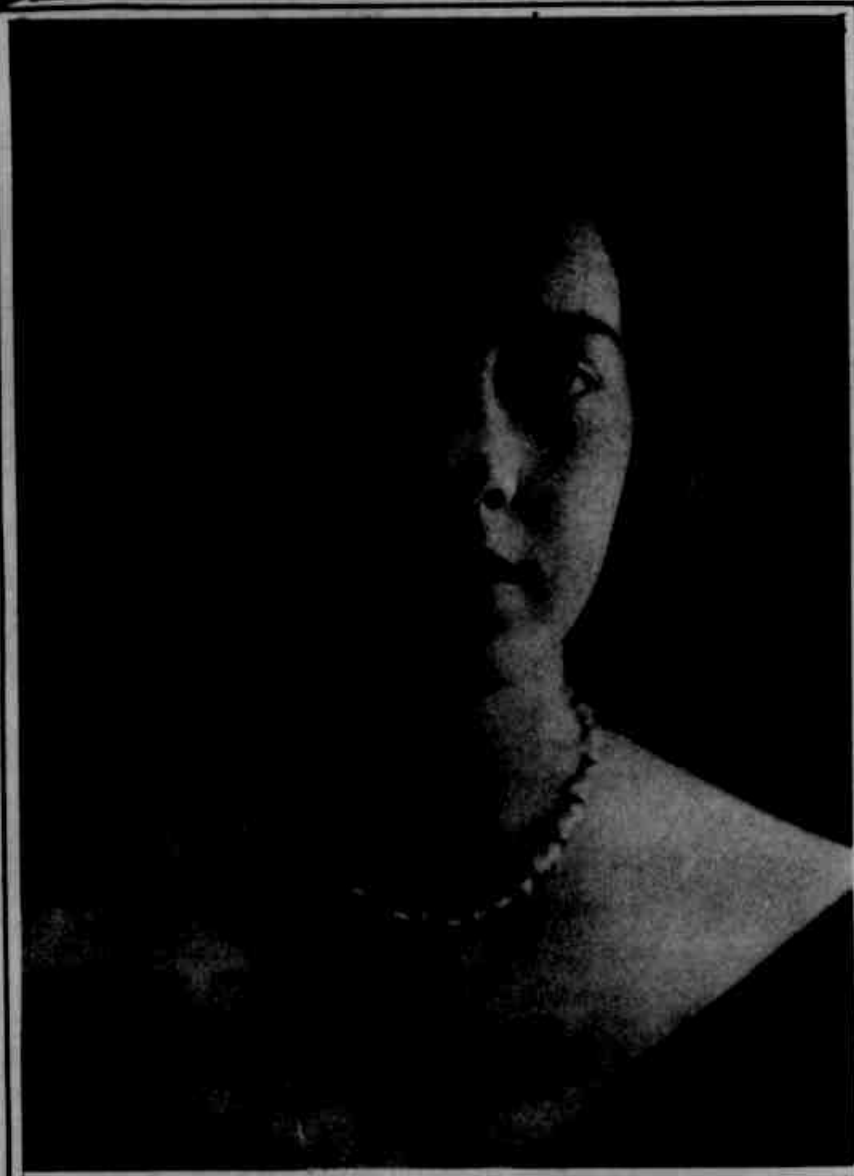
Em baixo: Senhorita Celma Cesar Miss Ubá, Minas.

Senhorita Maria de Lourdes Cardoso, Cambuquira, Minas.

Senhorita Diva Anselmo, Miss Piranga, Minas.

Fachada do High-Life na rua Santo Amaro

O CARNAVAL-NOVO DESTE ANNO

ONDE PASSAL-O? -- EIS A QUESTÃO

A época é do "n'o v o". O Brasil, passando de uns mezes pra cá por grandes novidades, vê tudo através de vidros. Vidros roseos. De rosea mocidade.

Tudo neste momento é n o v o. Nova gente. Novos costumes. Regime novo. Novo tempo. E, embora se diga que o Carnaval é velho, que o Reinado de Momo é antigo, que os folguedos dos tres dias que antecedem ás Cinzas seja tão velho quanto é velho o mundo, ainda ahi diremos que é novo. E asseguramos. E até apostamos, se duvidarem...

Até o Carnaval neste a n n o de Brasil n o v o, é novo. Novissimo. Que o diga o governo da Republica. Que o diga a nossa Prefeitura...

Por acaso não é nova esta "novidade" dos cofres pub icos não concorrerem para que os n o s s o s g r a n d e s clubs sáiam á rua com os seus cortejos de arte, harmonia e engenho?

Por acaso não é nova esta "novidade" do povo carioca e a nossa mais fina sociededa se privarem do seu maior diver t i mento? E' sim. E' nova "novidade"!

Mas não importa. Não importa, asseguramos. Não importa. A sociedade carioca sabe o que faz. E, sabendo o que faz, saberá p a s s a r muito bem, melhor ainda, talvez, do que se tivesse o c o r t e j o das grandes sociedades na Avenida...

— Como?

— Simplesmente...

— Cotisando-se, por acaso?

— Não.

— Fazendo só o corso na Beiramar e Rio Branco?

— Não.

— Dansando "á bessa" nas ruas?

— Não.

— Então?

— Eis o "xis" da questão: reunindo-se, t o d o, alegre e pressuroso, nos salões das grandes sociedades.

— Mas...

— Q u a l mas nem meio mas. Só ahi é que a sociedade carioca, de facto, passará um bello carnaval. Um carnaval velho-novo. Um carnaval antigo — novissimo. Um carnaval — carnaval c a r i o-ca...

— Mas...

— M a s... é este justamente o caso. Importante. Impor tan tissimo. Que se resolve já. Nem t o d o s os n o s s o s grandes clubs, nem todos os s a l õ e s das grandes associações cariocas se prestam, por diversos motivos, p a r a se passar c o n f o r t a v e l e agradavelmente o c a r n a v a l. Uns p e l o ambiente. Outros pelo aspecto. T e r c e i r o s pela localização.

— Então...

— En ão procuremos algo que tenha t o d a s as vantagens. Uma sociedade que seja installada no bairro do Flamengo. Que t e n h a jardins. J a r d i n s har m o niosos. E nos jardins coretos. Arvores frondosas. L o c a e s p a r a passeios. Idyllios. Onde tudo seja encanto e novidade. Amor e poesia. Depois vejamos os deslumbrantes salões. O bem ins t a l lado bar e "buffet". A g r a n d i o s i dade de tudo. A res plan des cencia de illu m i nação. Tudo c o m o nos contos irreaes e sublimes. De fantasia.

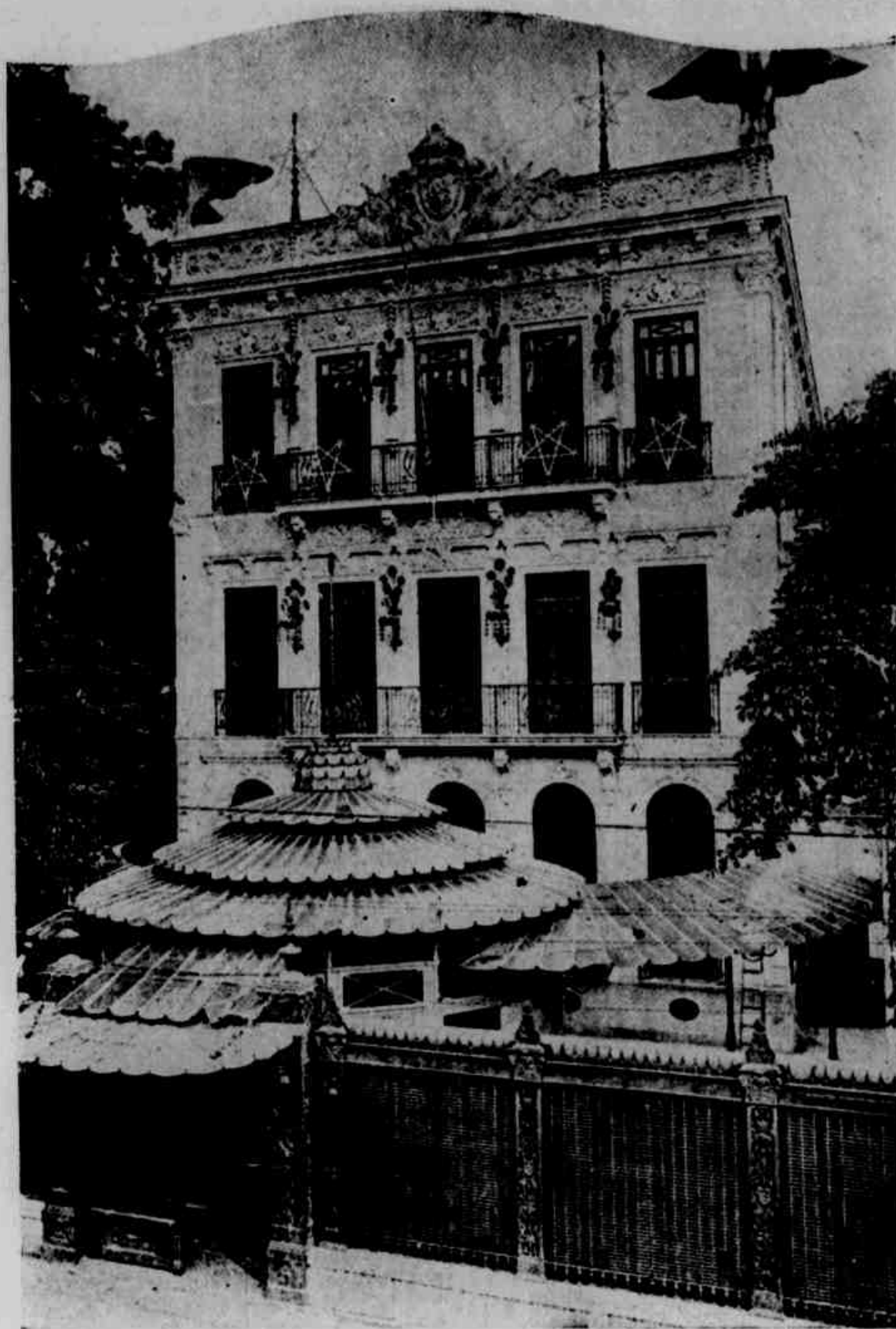
— E depois?

— E depois a sociedade f i n a que f r e q u e n t a aquella maravilha da rua S a n t o Amaro. O q u e existe no Rio de m a i s distincto. Elegante. Alegre.

"E mais outra vantagem: embora seja no "High-Life Club" tudo novo, precisamos notar que essa sociedade é antiga. Das mais antigas do Rio de Janeiro. Tradicional, mesmo, nos annaes cariocas. E só isso, já é um penhor seguro e certo. Uma garantia do s u c - cesso.

— E n t ã o, feito!

— F e i t o! O carnaval d e s t e anno, em homenagem ao Brasil novo e tudo novo no Brasil, passaremos no "High-Life Club", a veterana associação da Rua S a n t o Amaro.

— Evohé! Evohé! Ao M o m o! Ao Momo!

Escola para os mais capazes

Segundo o "Worwaerts" ha, em Berlim, desde 1917 escolas especiaes para os alumnos que nas escolas primarias se revelaram superiormente dotados de intelligencia. Fazem elles nestes estabelecimentos um curso especial e gratuito de seis annos. Estas creanças excepcionaes são escolhidas de accordo com os methodos de psychologia experimental; um criterio de avaliação determinado por Moede Piorkowski estabelece a medida da capacidade infantil, relativa á attenção, á observação, á memoria, á precepção, á reflexão e ao raciocinio.

E assim, são escolhidos nas classes pobres, todos os elementos merecedores da attenção do Estado.

O TICO-TICO, a popularissima revista infantil, além dos bel'os contos e brinquedos de armar que publica, distribue valiosos premios aos seus leitores.

Leiam CINEARTE, a excellente revista cinematographica. A unica que mantém em Hollywood correspondente especial.

D E S Ã O P A U L O

Em São Paulo, por occasião do baptismo do menino Isidoro, filho do casal Arlindo Augusto do Amaral, tendo servido de padrinhos o General Isidoro Dias Lopes e Exma. esposa, os quaes estão assignalados no primeiro grupo.

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de cartas que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro.

A SCIENCIA NOS JORNAES

O mau trato que as coisas scientificas recebem na imprensa ingleza ou americana, está indicando uma modificação no corpo **redactorial**; é preciso introduzir nelle um redactor que seja um scientista capaz de commentar com a maxima competencia uma descoberta scientifica, uma invenção, o novo tratamento duma doença. O publico dos cursos nocturnos e escolas profissionaes interessa-se hoje por tudo que diz respeito ás sciencias; a creação pois, num jornal, duma secção scientifica é um meio logico de lhe augmentar a tiragem.

Verba para a orientação scientifica do jornal é coisa que não entra em seu orçamento, mas os resultados pecuniarios e sociaes da innovação compensariam de sobra o accrescimo de despesa. As attribuições de taes redactores comportariam a censura de todos os originaes relacionados de perto ou de longe, ás coisas scientificas.

Nada, concernente a invenções e descobertas, a relatorios de empresas, a experiencias therapeuticas, a projectos de trabalhos publicos... nada seria pub icado sem o seu "placet". E' necessario que as coisas technicas sejam tratadas por technicos; do contrario é preferivel deixal-os passar em silencio. — ("Electrical Review").

SABONETE DORLY

CAIXA 3$000 — CAIXA 3$000 — CAIXA 3$000 — CAIXA 3$000 — CAIXA 3$

PREÇO POR PREÇO, E' O MELHOR!

NAS PERFUMARIAS LOPES - RIO E S. PAULO - CAZAUX - CASA BAZIN E OUTRAS

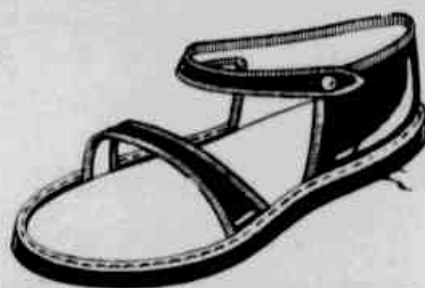
CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

ULTIMAS NOVIDADES PARA VERÃO

28$ — Fina pellica envernizada, preta e lindo laço de fita, todo forrado de pellica branca, salto mexicano.

30$ — O mesmo feitio em pellica marron, todo forrado de pellica beige, salto mexicano.

Alpercata typo frade em vaqueta marron claro, toda debruada

De ns. 17 a 26....... 6$000
" " 27 a 32....... 7$000
" " 33 a 40....... 9$000

32$ — Chic sapato em fino couro naco branco lavavel e combinação de chromo cor de vinho, ou pellica envernizada preta, todo forrado de pellica branca, salto mexicano.

ULTIMA NOVIDADE

Linda e fina alpercata em superior velludo de lindas cores, toda forrada e caprichosamente confeccionada, exclusiva da

CASA GUIOMAR

De ns. 17 a 26...... 10$000
" " 27 a 32...... 12$000
" " 33 a 40...... 14$000

32$ — Modernissimo sapato em fina pellica marron, typo bataclan todo forrado de pellica beige, salto mexicano.

35$ — O mesmo feitio todo de naco branco lavavel, ou combinação de pellica marron, ou todo de pellica azul e vermelho, salto mexicano.

35$ — Moderno sapato em fina pellica envernizada preta com lindo laço, todo forrado de pellica branca, salto Luiz XV, cubano alto.

37$ — O mesmo feitio em pellica Bois de Rose tambem Luiz XV alto e laço de fita.

Porte 2$500 sapatos, 1$500 alpercatas em par

Pedidos a *Julio de Souza* — Avenida Passos, 120 — Rio. — Telephone 4-4424

Que calor! Que calor! E' a exclamação que a cada passo se ouve, nos dias correntes. Gritam contra o calor e esquecem os males por elle produzido para os cabellos, pois é sabido que o suor é prejudicial á belleza delles. Para corrigir o mal basta empregar a JUVENTUDE ALEXANDRE, que dá aos cabellos o aspecto sempre joven. Cada vidro custa 4$000 e mais 2$400 pelo Correio. Qualquer pharmacia ou drogaria possue o privilegiado tonico. São depositarios: Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

TOME NOTA PARA COMPRAR — ALMANACH D'O TICO-TICO PARA 1931

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado pelo DR. EDUARDO FRANÇA (concessionario). A SALSA, CAROBA E MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

É o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

O REI DOS DEPURATIVOS

NENHUM O IGUALOU AINDA

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Perú, Bolivia, etc.

PREÇO: — 4$000.

O DR. EDUARDO FRANÇA envia gratis, a quem pedir, pelo Correio, o interessante jornalzinho — "LUGOLINA & SALSA" — Av. Mem de Sá n. 72 — Rio de Janeiro.

MOBILIAS DE ESTYLO

ANTIGOS E MODERNOS

DE OURO DE LEI OU LAQUE' FINO

Visite as grandes exposições

:: nos andares superiores dos nossos armazens ::

65 :-: Rua da Carioca, 67 :-: Rio